



PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

O envolvimento familiar na vida escolar dos alunos

Carina Sofia Arsénio Pinhão

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2015



PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º E 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO:

O envolvimento familiar na vida escolar dos alunos

Carina Sofia Arsénio Pinhão

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Carlos Pires

2015

Agradecimentos

Ao longo do meu percurso académico, no curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, tive ao meu lado pessoas maravilhosas que me apoiaram e me ajudaram a concretizar um dos meus maiores sonhos, ser professora.

Como tal, deixo aqui algumas palavras breves a essas mesmas pessoas.

Agradeço ao professor doutor Carlos Pires pelo apoio constante na elaboração deste trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos do coração, Joana, Marta, Ana, Inês, Natércia, Genésia, Emanuel, Cláudio e Luís.

Às grandes amigadas que fiz ao longo deste curso, Cátia, Sara, Adriana, Margarida, Inês, obrigada por todos os bons momentos que passamos juntas.

Ao Daniel, um agradecimento especial por todo o carinho e apoio que demonstrou. Pela sua paciência infindável.

Agradeço aos meus pais que são as pessoas mais importantes da minha vida. Nada seria possível sem o apoio e o amor incondicional que me deram. Tudo farei para continuar a ser o vosso orgulho.

Por último, agradeço a Deus. A fé move montanhas e a minha fé levou-me onde eu nunca pensei chegar.

RESUMO

O sucesso escolar dos alunos não depende apenas do aluno e do docente, depende também da contribuição de outros agentes para garantir esse sucesso.

O meio familiar é um desses agentes. É neste meio que a criança realiza as suas primeiras aprendizagens e inicia a construção da sua identidade. Mais tarde, este papel também é assumido pela escola, à qual não compete apenas a transmissão de conhecimentos, mas igualmente contribuir para o desenvolvimento global do indivíduo. Por estas razões, é fundamental que esta relação, entre a escola e a família, seja uma relação harmoniosa e de equilíbrio em que ambas as partes se unam para o sucesso escolar do aluno.

Com base nestes pressupostos, no âmbito da prática pedagógica supervisionada, desenvolvemos um estudo sobre as conceções que os diversos atores educativos (docentes, pais e alunos) têm de envolvimento parental em que pretendemos perceber as conceções existentes na sociedade actual e o que é mais valorizado pelos atores educativos nesta relação. Contextualizado numa escola da cidade de Lisboa, este estudo foi realizado numa turma de 2.º ano do 1.º ciclo do ensino básico com recurso a técnicas de recolha de dados: entrevista semiestruturada, observação naturalista e questionário.

O presente relatório é o resultado de toda uma intervenção pedagógica e da subjacente reflexão que inclui a caracterização do contexto, a definição da problemática da turma, os princípios orientadores e as estratégias que regulam a ação educativa.

Ao longo deste processo, sempre se considerou o envolvimento familiar na vida escolar como uma relação fundamental para o desenvolvimento dos alunos.

Todo o trabalho desenvolvido ao longo da intervenção pedagógica aproxima-se de uma metodologia de Investigação-Ação com abordagem qualitativa, pois esta intervenção assumiu funções e competências docentes associada à utilização de técnicas de recolha de dados, numa perspetiva investigativa e de melhoria dessa mesma intervenção.

Este trabalho é o início de uma prática profissional que pretende adaptar-se de acordo com as necessidades, características e interesses dos alunos, a fim de contribuir para uma melhoria na qualidade de ensino.

Palavras-chave: Relação Escola-Família; Envolvimento; Participação.

ABSTRACT

The academic success of students does not solely depend on the student and the teacher; it also depends on the contribution of other agents to ensure that success. The family environment is one of those agents. It is in this environment that the child carries out its early learnings and begins the construction of their identity. Later, this role is also assumed by the school, which not only has the responsibility of imparting knowledge, but also of contributing to the overall development of the individual. For these reasons, it is vital that this relationship, between the school and the family, is a balanced and harmonious relationship in which both parties come together in order to achieve the student's academic success.

Based on these assumptions, within the supervised teaching practice, we developed a study on the conceptions that the various educational actors (teachers, parents and students) have parental involvement, in which we intend to better understand the existing conceptions in this context and what is most recognized by educational actors in this relationship. Contextualized in a school in the city of Lisbon, this study was conducted in a 2nd year class of the 1st cycle of basic education using data collection techniques: semi-structured interviews, naturalistic observation and questionnaire.

This report is the result of a whole pedagogical intervention and its underlying reflection which includes the characterization of the context, the definition of the difficulties of the class, the guiding principles and strategies regulating the educational activity.

Throughout this process, family involvement in school life was always considered as a fundamental aspect on the student's development.

All the work done over the pedagogical intervention reaches a methodology Research-Action with a qualitative approach because this intervention has assumed teaching duties and responsibilities associated with the use of data collection techniques in investigative perspective and improvement of that intervention.

This work is the beginning of a professional practice that aims to adapt according to the needs, characteristics and interests of the students in order to help improve the quality of education.

Key-words: School-Family Relationship; Involvement; Participation.

ÍNDICE GERAL

1.	Introdução.....	1
2.	Caracterização do contexto socioeducativo	3
2.1.	A escola.....	4
2.2.	A sala de aula.....	6
2.3.	O grupo de alunos	7
2.4.	Diagnose dos interesses e das aprendizagens dos alunos.....	8
2.5.	Organização e gestão curricular	9
3.	Problemática e objetivos de intervenção.....	11
3.1.	Problematização do envolvimento das famílias	12
3.2.	Objetivos e a sua fundamentação.....	12
3.2.1.	Objetivos, relativos à componente disciplinar que decorrem das potencialidades e fragilidades, e a sua fundamentação	13
3.2.2.	Objetivos relativos ao envolvimento familiar e a sua fundamentação.....	16
4.	Metodologia de recolha e tratamento de dados	21
5.	Apresentação fundamentada do processo de intervenção educativa.....	26
5.1.	Princípios pedagógicos.....	26
5.2.	Estratégias globais de intervenção	28
5.3.	Contributo das diferentes áreas curriculares para a concretização dos objetivos do PI.....	29
5.4.	Conceções e práticas de envolvimento familiar a partir da intervenção educativa.....	33
5.4.1.	Conceções de envolvimento das famílias	33
5.4.2.	Práticas de envolvimento das famílias	34
6.	Avaliação	37
6.1.	Avaliação das aprendizagens dos alunos	37
6.1.1.	Língua Portuguesa	38

6.1.2.	Matemática.....	38
6.1.3.	Estudo do Meio.....	39
6.1.4.	Expressões Artísticas	39
6.1.5.	Expressão e Educação Físico-Motora	40
6.1.6.	Competências Sociais	40
6.2.	Avaliação do Plano de Intervenção.....	40
7.	Considerações finais	43
	Referências bibliográficas.....	46
	ANEXOS.....	49
	Anexo A. Cartazes e trabalhos expostos na sala de aula	50
	Anexo B. Cartaz com regras de sala de aula.....	52
	Anexo C. Calendário com os aniversários dos alunos.....	54
	Anexo D. Área destinada ao Conselho de Turma.....	56
	Anexo E. Biblioteca da sala de aula.....	58
	Anexo F. Trabalhos do projeto "A profissão dos meus pais".....	60
	Anexo G. Questionário de interesses aos alunos.....	62
	Anexo H. Análise das respostas dos alunos ao questionário de interesses.....	64
	Anexo I. Horário da turma.....	68
	Anexo J. Guião de entrevista à docente.....	70
	Anexo K. Respostas da docente à entrevista.....	74
	Anexo L. Guião de entrevista aos alunos.....	78
	Anexo M. Respostas dos alunos à entrevista.	81
	Anexo N. Inquérito por questionário realizado aos pais.....	87
	Anexo O. Inquérito por questionário <i>online</i> realizado aos pais.....	95

Anexo P. Análise dos dados recolhidos no inquérito por questionário	101
Anexo Q. Notas de campo relativamente à atividade do dia da mãe.....	123
Anexo R. Grelha de distribuição dos chefes da turma.....	127
Anexo S. Planificação e ficha da experiência sobre as propriedades dos materiais..	129
Anexo T. Planificação, recursos e ficha de trabalho de uma atividade da área da Matemática.....	132
Anexo U. Atividade de elaboração de um convite em grande grupo.....	138
Anexo V. Exemplo de um ditado elaborado por um aluno.....	140
Anexo W. Planificação de uma atividade de melhoramento de texto.....	143
Anexo X. Exemplo de uma produção escrita de um aluno.....	145
Anexo Y. Exemplo da evolução de um aluno relativamente ao cálculo mental.....	147
Anexo Z. Exemplo de um problema da semana realizado por um aluno.....	149
Anexo AA. Ficha de resolução de problemas.....	151
Anexo BB. Livro de receitas elaborado pela turma e exemplar de uma receita feita por um aluno.....	153
Anexo CC. Exemplos de molduras elaboradas pelos alunos e pelas suas mães.....	155
Anexo DD. Grelhas de avaliação da área de Língua Portuguesa.....	157
Anexo EE. Grelhas de avaliação de área da Matemática.....	162
Anexo FF. Grelha de avaliação da área de Estudo do Meio.....	167
Anexo GG. Grelha de avaliação de Expressão e Educação Dramática.....	169
Anexo HH. Grelha de avaliação de Expressão e Educação Plástica.....	171
Anexo II. Grelhas de avaliação de Expressão e Educação Físico-Motora.....	173
Anexo JJ. Grelhas de avaliação das Competências Sociais.....	176

Anexo KK. Avaliação do Plano de Intervenção.....	179
--	-----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Habilitação acadêmica.....	23
--------------------------------------	----

ÍNDICE DA TABELAS

Tabela 1. Potencialidades e fragilidades da turma.....	12
Tabela 2. Estratégias globais de intervenção.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB	Ciclo do Ensino Básico
CNE	Conselho Nacional de Educação
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
PC	Projeto Curricular
PE	Projeto Educativo
PI	Plano de Intervenção
RI	Regulamento Interno
UC	Unidade Curricular

1. INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final é exigido no âmbito da unidade curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), em que se reflete todo o trabalho desenvolvido numa turma do 2.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

Este trabalho é o resultado de um longo processo resultante da prática pedagógica. Centra-se numa análise reflexiva da prática, recorrendo a conhecimentos adquiridos ao longo do curso e baseado em referenciais teóricos.

Em simultâneo, com a intervenção, realizou-se um estudo que tem o seguinte título: “o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos”. Surgiu ao longo do período de observação, visto ser um contexto onde as práticas de envolvimento familiar na vida da escola são facilmente visíveis.

No âmbito deste estudo, foi elaborado um levantamento das conceções dos pais, da docente e dos alunos e posteriormente, dar continuidade ao trabalho da docente na promoção da participação dos pais na vida escolar dos alunos.

Para conhecer as conceções dos pais, dos alunos e da docente foi aplicado um inquérito por questionário aos pais e uma entrevista semiestruturada à docente e aos alunos.

No que concerne à estrutura interna do presente relatório, este está organizado em 7 capítulos e é constituído inicialmente por um índice geral, um índice de siglas e outro de anexos.

O primeiro capítulo corresponde à presente introdução.

De seguida, no segundo capítulo, é realizada a caracterização do contexto socioeducativo, em que são descritos e analisados os dados que foram recolhidos através de técnicas de recolha e tratamento de dados durante o período de observação, com o objetivo de caracterizar o contexto físico, social, organizacional e pedagógico da escola e da sala de aula em que a prática pedagógica incidiu.

No terceiro capítulo é referido um conjunto de potencialidades e pontos críticos que foram objetos de uma ação transformadora no sentido de os anular. Ainda neste capítulo, será apresentada a problemática e referenciais teóricos que justificam a pertinência do estudo do envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos. Por

fim, ocorre uma fundamentação dos objetivos relativos à componente disciplinar e dos objetivos relativos ao envolvimento parental.

No capítulo seguinte, ocorre uma descrição das diferentes fases do trabalho e dos respetivos métodos de recolha e análise de dados.

No quinto capítulo são referidos os princípios pedagógicos e as estratégias gerais de intervenção que estiveram presentes ao longo de toda a intervenção pedagógica. De seguida, ainda é referido o contributo de cada disciplina para o cumprimento dos objetivos gerais definidos no início da prática. Por fim, neste capítulo, ocorre uma análise dos dados recolhidos, através de técnicas de recolha de dados, de forma a caracterizar as conceções da docente, dos pais e dos alunos e as práticas existentes acerca do envolvimento familiar na vida escolar

No penúltimo capítulo, são avaliadas as aprendizagens dos alunos e o plano de intervenção através de grelhas de observação direta que estarão remetidas para os anexos.

Nas aprendizagens dos alunos ocorre uma análise comparativa dos resultados de avaliação dos alunos, enquanto na avaliação do plano identifica-se e justifica-se as reformulações existentes no Plano de Intervenção.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, em que é apresentada uma reflexão pessoal de todo o percurso desenvolvido.

2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

Neste capítulo será elaborada uma descrição e uma análise dos dados recolhidos durante a fase inicial do estágio que permitem caracterizar o contexto físico, social, organizacional e pedagógico da escola e da sala de aula onde decorreu a prática pedagógica.

Esta caracterização torna-se bastante pertinente já que para responder às necessidades, problemas ou interesses de uma situação educativa, é necessário recolher dados que permitam conhecer o contexto educativo. Estrela (1990) refere que “só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento” (p.135) e, mais à frente, refere que “a identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interacções permitirão a escolha de estratégias adequadas à prossecução dos objectivos visados” (p.135). Sendo assim, esta caracterização poderá ajudar-nos a adequar as melhores estratégias que resultarão numa melhor qualidade de ensino.

Em qualquer ato de investigação é essencial “pensar nas formas de recolher a informação que a própria investigação vai proporcionando” (Coutinho, 2011, p. 371). Desta forma, foi definido um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de informação para caracterizar o contexto socioeducativo.

Recorremos às técnicas baseadas na observação, que “estão centradas na perspectiva do investigador, em que observa em directo e presencialmente o fenómeno em estudo” (Coutinho, 2011, p. 370), às técnicas baseadas na conversação, que “estão centradas na perspectiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo” (*id., ib.*) e à análise de documentos que “centra-se também na perspectiva do investigador e implica uma pesquisa e leitura de documentos escritos que se constituem como uma boa fonte de informação (*id., ib.*).

A análise documental incidiu sobre os documentos internos da escola: Regulamento Interno (RI); Projeto Educativo (PE), Projeto Curricular (PC) e Plano de turma (PT).

Recorremos também a um instrumento de recolha de dados que consistiu no questionário.

Ao longo deste capítulo, será elaborada uma caracterização da escola, em que analisamos o PE para conhecer a sua população escolar e as suas instalações. Observamos o PC para conhecer o corpo docente e conhecer o papel da escola na integração sociopedagógica de crianças e jovens com deficiência. A sala de aula é caracterizada através de técnicas baseadas na observação e na conversação. A caracterização do grupo de alunos é realizada através da análise do PT, da análise dos resultados de um questionário de interesses e através de técnicas de conversação. Por fim, a caracterização da organização e gestão curricular foi elaborada através de técnicas de observação e conversação.

Relativamente à caracterização da relação escola-família foi possível analisar o RI, mais precisamente os direitos e deveres dos pais e os objetivos estabelecidos pela escola relativos a esta relação. Também foi analisado o PC, em que são caracterizadas, de uma forma breve, as funções da Associação de Pais incorporada nesta escola. Por fim, analisou-se as estratégias estabelecidas pela escola e referidas no PE, em que uma delas se relaciona com o envolvimento familiar.

2.1. A escola

A Escola H.¹, onde decorre a prática, é uma instituição particular de solidariedade social (IPSS) criada há quase seis décadas e localiza-se na cidade de Lisboa.

Segundo o PE a escola assume-se como uma instituição que pretende “promover a integração educativa e social (...) desenvolver a autonomia, proporcionar estabilidade emocional, e proporcionar uma adequada transição para a vida ativa dos jovens com necessidades educativas especiais” (Escola H., 2014, p. 3). Desenvolve práticas pedagógicas assentes no Movimento da Escola Moderna (MEM).

Esta organização educativa integra a Educação Pré – Escolar e o ensino ensino básico. Assume também um papel de integração sociopedagógica de crianças e jovens com deficiência visual fornecendo apoios adaptados que contribuem para o seu desenvolvimento, nomeadamente apoio braille, apoio de orientação e mobilidade, informação adaptada, terapia da fala e terapia ocupacional. Segundo o PC, os alunos

¹ Designação fictícia para garantir o anonimato da escola

com multideficiência frequentam a Sala de Recursos que tem como finalidade dar resposta educativa a esses alunos.

Segundo o PE a população escolar é constituída por cerca de 600 alunos, sendo a maioria deles de nacionalidade portuguesa. Existem ainda cerca de 60 alunos com necessidades educativas especiais (NEE)

O corpo docente é constituído por 57 professores no total, sendo que 14 docentes pertencem ao 1.º Ciclo e três professores são especializados em educação especial.

A escola é constituída por edifícios, pelos quais se distribuem diferentes espaços: salas de aula; uma sala de recursos; um auditório que contém equipamento de projeção; um ginásio; dois campos exteriores; uma sala polivalente; laboratórios de Físico-química e de Ciências Naturais; sala de professores; refeitório; um bar; um salão de jogos; uma quinta pedagógica (que inclui uma horta e diversos animais como pôneis, cães, galinhas, entre outros).

Analisando o RI foi possível observar que a escola reconhece a importância da existência da relação escola-família, já que a necessidade dessa existência está presente num dos principais objetivos desta instituição que refere o seguinte: “fomentar o empenho recíproco entre escola/família de modo a permitir uma interação harmoniosa” (Escola H, 2014, p.2). Também salienta que para o sucesso do cumprimento desse objetivo é necessário existir um trabalho com a família.

No mesmo documento, são identificados os deveres dos pais, sendo eles: manter-se informado sobre o percurso escolar do seu filho/educando, nomeadamente através da caderneta escolar, agendamento de reuniões e contactos com o professor titular; reforçar junto do seu filho/educando, a necessidade de empenhar-se no processo educativo; garantir que o seu filho/educando se faz acompanhar de todo o material necessário e conhecer o RI.

Relativamente aos direitos dos pais, explícitos no RI, estes são: ser informado e informar-se formalmente sobre toda e qualquer matéria relevante no processo educativo do seu filho/educando; colaborar com os professores no âmbito do processo de ensino do seu filho/educando, bem como articular a educação familiar com a formação escolar; zelar para que os direitos do seu filho/educando sejam respeitados; cooperar com os demais elementos da comunidade escolar e conhecer o RI.

No PC é referido que esta organização educativa tem uma Associação de Pais que permite facilitar a articulação entre a escola e a família. A presidente da

Associação de Pais participa nas reuniões de Conselho Pedagógico para uma maior facilidade de transmissão de informação pertinente às famílias dos alunos. É referido, ainda no PC, que os pais têm um papel fundamental na organização de algumas atividades da escola e que a Associação de Pais organiza frequentemente atividades extracurriculares envolvendo a família e a escola.

No PE é possível ler que uma das estratégias que a escola pretende manter, consiste em aumentar o envolvimento dos encarregados de educação e dinamizar o papel dos representantes dos pais.

2.2. A sala de aula

A sala de aula tem uma dimensão adequada, permitindo que os alunos e os professores circulem facilmente por toda a sala.

Dispõe de um quadro, uma secretária para o professor, um conjunto de mesas e cadeiras para os alunos. Tem grandes janelas que permitem uma grande luminosidade na sala.

Nas paredes da sala de aula estão afixados cartazes informativos e produções dos alunos (anexo A) que estão organizados por áreas: Língua Portuguesa, Expressão Plástica, Matemática e Estudo do Meio. Existe também um cartaz com as regras de sala de aula (anexo B), um calendário com os aniversários dos alunos (anexo C), um espaço em que os alunos escrevem o que mais gostaram durante a semana, o que menos gostaram e o que propõem para posteriormente ser discutido no Conselho de Turma (anexo D) e uma biblioteca (anexo E).

A sala de aula está organizada com as mesas dispostas em 3 filas. Em conversa com a professora cooperante, esta referiu que na primeira fila estão os alunos com mais dificuldades e na última fila estão os alunos com mais facilidades na concentração.

A professora ainda revelou que tenta juntar um aluno com mais dificuldades com um aluno com mais facilidades na concentração. De duas em duas semanas, a professora cooperante muda os alunos de lugares, para que trabalhem com colegas diferentes.

2.3. O grupo de alunos

A turma B do 2.º ano do 1.º CEB é constituída por 20 alunos, dos quais 12 são do sexo masculino e 8 são do sexo feminino. Têm idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos de idades, não havendo repetentes.

Na turma existe um aluno com NEE que, para além da deficiência visual, apresenta, segundo a opinião de alguns docentes da escola, indícios de autismo, no entanto ainda não foi diagnosticado. Este aluno não frequenta todas as aulas ficando por vezes, na sala de recursos com um professor de educação especial. O aluno quando está na sala de aula ocupa-se a brincar com os brinquedos que traz de casa.

A professora cooperante tentou que o aluno ficasse sempre na sala de recursos mas o pedido desta foi recusado pois a sala encontra-se lotada.

Segundo o Plano de Turma, relativamente às habilitações literárias dos pais dos alunos, estamos perante um conjunto de 16 pais que tem habilitações até ao ensino superior e 3 pais que tem habilitações até ao ensino secundário.

Também no Plano de Turma é possível observar que foi criado um Projeto que teve como principal objetivo envolver a família na vida escolar dos alunos que terminou antes do período de observação. No entanto, em diálogo com a professora cooperante, tive conhecimento de que a maioria dos pais aderiu ao Projeto intitulado como “A profissão dos meus pais”, que consistiu na ida dos pais à sala de aula dar a conhecer um pouco da sua profissão aos alunos. Tanto os alunos como os pais gostaram muito da atividade e alguns dos trabalhos foram expostos na parede de sala de aula. (anexo F)

Durante o período de observação foi negado o meu pedido para assistir a uma reunião de pais. Considero que seria um momento importante de ser observado. No entanto, tudo o que recolhi nas semanas de observação, baseou-se nas conversas com a professora cooperante e na entrevista semiestruturada que permitiu aprofundar alguns aspetos relacionados com o envolvimento parental neste contexto.

A professora cooperante referiu, em conversas informais, que os pais dos seus alunos, de uma forma geral, eram bastante assíduos, participando nas reuniões e nas atividades solicitadas pela docente e pela escola. Os pais mostravam-se sempre interessados em colaborar com a docente e interessados em conhecer o percurso escolar do seu educando.

2.4. Diagnose dos interesses e das aprendizagens dos alunos

A partir da nossa observação, do diálogo constante com a professora cooperante, da análise dos produtos dos alunos e da realização de um questionário sobre os seus interesses (anexo G) elaborámos a seguinte diagnose dos interesses e das aprendizagens dos alunos de forma a dar uma continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora cooperante e também a adaptar a nossa intervenção aos gostos e interesses da turma.

Relativamente às competências sociais, de uma forma geral, a turma revela comportamentos adequados em contexto de sala de aula. Os alunos gostam de trabalhar em grupo, embora não o façam frequentemente. São alunos muito interessados que gostam de aprender e adquirir novos conhecimentos. De uma forma geral, têm uma grande facilidade no desenvolvimento de aprendizagens e gostam de assumir tarefas de responsabilidade em sala de aula. No entanto, não são muitos autónomos na elaboração dos trabalhos propostos.

Em conversa com a professora, esta relevou que na área curricular disciplinar de Língua Portuguesa de uma forma geral, os alunos apresentam muitas dificuldades na escrita, nomeadamente na ortografia, enquanto na área curricular disciplinar de Matemática, os alunos apresentam muitas dificuldades no cálculo mental, nas operações de subtração com empréstimo e na interpretação de problemas.

A turma não tem dificuldades na gramática e a professora informou-nos que os alunos já conhecem todos os conteúdos relativos à gramática programados para este ano letivo.

Relativamente à Matemática, os alunos ainda não aprenderam os conteúdos seguintes: frações, dinheiro, pesos, áreas, capacidade, horas e dias.

Consideramos que é fundamental adaptar as atividades aos gostos e interesses dos alunos para uma maior motivação da parte deles. Sendo assim, elaborámos um questionário para conhecer melhor os interesses da turma.

Para a apresentação dos resultados dos questionários elaboramos gráficos de barras (anexo H) que permitem uma melhor visualização e comparação de resultados.

Assim, concluímos que os alunos têm um maior interesse pela área de Expressão e Educação Plástica, quando têm tempo livre na sala de aula preferem fazer desenhos ou jogar, em casa preferem ver televisão e no recreio gostam de brincar.

Relativamente à forma como os alunos gostam mais de trabalhar na sala de aula, demonstram preferência por trabalhos elaborados em grupo, enquanto relativamente aos temas que gostariam de trabalhar futuramente, demonstram preferência por temas sobre os animais e sobre a História de Portugal.

Na última questão, os alunos mostram preferência por experiências e menos preferência por atividades relacionadas com a escrita.

2.5. Organização e gestão curricular

A turma tem um horário (anexo I) em que estão incluídas as áreas curriculares disciplinares de Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Expressões Artísticas, Expressão e Educação Físico-Motora e Inglês. Relativamente às áreas curriculares não disciplinares, estão incluídas no horário as áreas de Estudo Acompanhado e Formação Cívica.

A professora proporciona nas suas aulas um ambiente calmo e estimulante em que os alunos revelam bastante interesse e motivação pelas atividades propostas. Para além disso, na maioria do tempo de letivo, os alunos estão ocupados nas atividades propostas pela professora.

Em conversa informal, a professora referiu que, todas as semanas, na disciplina da Língua Portuguesa, propõe aos alunos que elaborem uma cópia e um ditado de um texto escolhido pela professora; propõe também um momento de leitura e interpretação de um texto; um caso de ortografia; um momento de expressão escrita e a elaboração de uma prova modelo que serve como treino para o teste intermédio que se irá realizar no fim do período.

Relativamente à disciplina de Matemática, propõe à turma: um exercício sobre a tabuada; uma prova modelo; uma situação problemática; e um exercício de tratamento de dados.

A professora envia trabalhos de casa à segunda, quarta e sexta, no entanto, os trabalhos de segunda e quarta contêm menos exercícios para que os pais tenham disponibilidade para apoiar os seus filhos.

É realizado um conselho de turma todas as sextas feiras em que os alunos abordam o que gostaram e o que não gostaram durante a semana e fazem propostas para a semana seguinte.

A turma tem como rotina o preenchimento de grelhas de comportamento, de assiduidade e trabalhos de casa e tem um momento intitulado como “Ler, contar e mostrar”, em que alguns alunos apresentam livros que leram e gostaram para fomentar o gosto pela leitura.

3. PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO

Segundo Perrenoud (2000), o termo competência consiste na “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação” (p. 15). De forma a orientar a formação de um professor, o autor definiu um conjunto de competências que considerou essenciais serem adotadas por um professor actual para melhorar sua prática educativa, entre as quais encontramos uma que está diretamente relacionada com a relação escola-família: informar e envolver as famílias.

Esta perspectiva permite-nos compreender que as competências profissionais do docente não se confinam ao domínio científico disciplinar e das didáticas, como é preconizado no “regime jurídico da habilitação profissional para a docência” ao declarar que “os conhecimentos, as capacidades e as atitudes comuns a todos os docentes relevantes para o seu desempenho na sala de aula, nas organizações educativas e na relação com a família e a comunidade” (n.º 1 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio). Este pressuposto que tem como referencial o perfil geral de desempenho profissional dos docentes (Decreto-Lei n.º 240/2001), em que é valorizada e exigida ao docente a sua participação na promoção da interação institucional com a comunidade educativa (incluindo as famílias das crianças/alunos).

Assim, embora tenhamos assumido o papel de estagiárias, importa ter em conta que a iniciação à prática profissional inclui a assunção de competências “de acordo com as funções cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula” (Artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio). Assim, julgamos justificar-se, no âmbito da prática pedagógica supervisionada e no presente relatório, a problematização de uma temática fundamental e estruturante como o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos, em articulação com outros domínios de cariz fundamentalmente pedagógico e tendo como referência as fragilidades e potencialidades emergentes da caracterização do contexto educativo.

Tendo por base os pressupostos apresentados e as prioridades que estabelecemos, propomo-nos problematizar, num primeiro momento, o envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos, e a seguir apresentar e fundamentar os objetivos que orientaram a nossa intervenção.

3.1. Problematização do envolvimento das famílias

O envolvimento das famílias é um tema escolhido, por sobre ele recair um significativo interesse pessoal e por estar relacionado com a melhoria da qualidade de ensino e das aprendizagens dos alunos.

Relativamente aos benefícios da existência deste envolvimento, Davies (1989) refere que “o envolvimento dos pais proporciona múltiplos e diversos benefícios: para o desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças, para os pais, para os professores e escolas e para o desenvolvimento de uma sociedade democrática” (p. 37).

Segundo este autor, o envolvimento dos pais está diretamente associado ao aproveitamento académico dos alunos, ou seja, um maior envolvimento familiar resulta em melhores resultados académicos por parte dos alunos.

Cochran e Henderson (cit. por Davies, 1993) indicam que o envolvimento também traz benefícios aos próprios pais, já que permite “um maior apreço pelo seu importante papel, fortalecimento de redes sociais, mais informação e mais materiais” (Davies, 1993, p. 38).

O envolvimento dos pais pode também trazer benefícios aos professores e às escolas. Davies (1989) afirma que o “trabalho do professor pode ser mais fácil e satisfatório se receber a ajuda e cooperação das famílias” (p. 40). Para além disso, os pais ao envolverem-se na educação dos filhos, faz com que encarem o professor com uma maior simpatia e que tenham com ele uma relação mais positiva.

Sendo assim, a existência de uma relação harmoniosa e de equilíbrio entre a escola e a família traz benefícios para os diferentes atores educativos.

Esta relação, ao permitir uma melhor qualidade de ensino com todos os seus benefícios, contribui também para a nossa problemática, pois permite uma maior facilidade no cumprimento dos objetivos definidos e colmatar, mais facilmente, fragilidades existentes na turma.

3.2. Objetivos e a sua fundamentação

3.2.1. Objetivos, relativos à componente disciplinar que decorrem das potencialidades e fragilidades, e a sua fundamentação

De forma a adequar a nossa intervenção pedagógica aos interesses e necessidades reais dos alunos e baseando-nos nos dados recolhidos e analisados na caracterização do contexto socioeducativo, procedemos à identificação das principais potencialidades e fragilidades do grupo. Deste modo, apontamos na Tabela 1, as seguintes potencialidades e fragilidades relacionadas com as aprendizagens deste grupo de alunos.

Tabela 1

Potencialidades e fragilidades da turma

	Potencialidades	Fragilidades
Competências Sociais	<ul style="list-style-type: none">- Interesse pela apropriação de novos conhecimentos;- Facilidade no desenvolvimento de aprendizagens;- Interesse em assumir tarefas de responsabilidade na sala de aula;- Gosto pela cooperação entre pares;	<ul style="list-style-type: none">- Poucos hábitos de trabalho de grupo;- Falta de autonomia na realização de trabalhos;
Português	<ul style="list-style-type: none">- Facilidade nos conteúdos de gramática;	<ul style="list-style-type: none">- Dificuldade na escrita de textos, nomeadamente no que respeita à ortografia;
Matemática		<ul style="list-style-type: none">- Dificuldades no raciocínio lógico matemático;
Decorrente do contexto	Envolvimento ativo dos pais na vida escolar dos alunos	

Nota. Autoria própria

É nossa intenção enunciar e fundamentar, de seguida, os objetivos gerais relativos à componente disciplinar que decorrem das potencialidades e fragilidades identificadas anteriormente.

O primeiro objetivo geral, por nós proposto – **Fomentar nos alunos competências de escrita ao nível da ortografia** – tem um carácter transversal, uma vez que o domínio das competências sociais está presente em todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.

Segundo Niza (1998), as crianças, desde muito cedo, sentem a necessidade de comunicar por escrito as suas vivências, histórias e opiniões pessoais. No entanto, na grande maioria, estas apenas copiam letras e palavras, nas tarefas que realizam, o que dificulta a compreensão de que a escrita constitui uma tarefa necessária para o seu quotidiano.

Deste modo, tornou-se fundamental, promover momentos vocacionados para a escrita nas diferentes atividades. Sabe-se que a atividade de escrita gera, em que a produz, uma maior compreensão da língua falada. Enquanto a atividade de ler não implica o domínio da escrita, todas as atividades de escrita integram em si mesmas a leitura (Vigotsky *cit. in* Sim-Sim, 2007). As tarefas de escrita, tal como sugere Niza (1998), obrigam à criação de condições materiais, como um ambiente rico em escrita, em que os alunos produzem diversos trabalhos; uma área destinada à escrita (que deve conter mesas, cadeiras, lápis, folhas, etc.); e um tempo destinado ao aperfeiçoamento dos textos. Pretendemos, desta forma, cumprir as condições necessárias, que os alunos beneficiem de uma aprendizagem mais significativa e completa.

Relativamente ao modo como se organizaram as atividades de escrita, fez-se através do trabalho a pares ou em pequenos grupos, pois a escrita desenvolve-se a partir da interação entre os alunos, e entre os alunos e o professor (Niza, 1998). Segundo Niza (2011), quando os alunos escrevem em cooperação, “verbalizam os problemas que lhes são propostos por aquilo que querem dizer e pelo modo como o querem dizer. (...) Criam novas ideias, continuando a construir a compreensão do que querem dizer/escrever, e “correm riscos” mais à vontade.”

O segundo objetivo geral proposto – **Promover nos alunos a aquisição de competências de autonomia e responsabilidade** – pretendeu orientar a nossa prática pedagógica, no sentido, de fomentar a autonomia e a responsabilidade nas

diversas atividades propostas. Segundo Ribeiro (1991), a formação de indivíduos capazes de se auto – orientar, com confiança, apresenta-se como um objetivo significativo para o bem do indivíduo e da sociedade que o rodeia.

Atualmente, a sociedade exige o desenvolvimento de pessoas autónomas, capazes de assumir responsabilidades pelas suas ações e necessidades no percurso da sua formação. (Ribeiro, 1991) Assim, para fomentar a autonomia e a responsabilidade nos alunos desenvolvemos nestes, capacidades de seleção de objetivos próprios de aprendizagem permanente, de atitudes de aceitação e adaptação a mudanças, de um modo flexível, bem como a promoção de situações de responsabilidade pelas decisões tomadas, tendo em conta as suas consequências.

Assim, através destas estratégias, fomos também ao encontro do desenvolvimento do pensamento crítico nos alunos, que foi desenvolvido através da participação ativa destes, sendo o principal objetivo o de fornecer orientações aos alunos, como ponto de partida do trabalho, em que estes põem em prática as suas capacidades e conhecimentos, promovendo a curiosidade, a pesquisa, a responsabilização e a autonomia. (Vieira, 2005).

Neste sentido, vamos ao encontro da definição de autonomia que, segundo Barroso (1997), pressupõem liberdade em tomar decisões, e é uma maneira de gerir e orientar as diversas dependências em que os indivíduos se encontram, no seu meio biológico ou social, de acordo com os seus próprios princípios.

De modo a finalizar o que foi dito, podemos afirmar que a autonomia e a responsabilidade, são fomentadas, entre outros aspetos, pelo desenvolvimento do pensamento crítico, em que os alunos têm de pensar por si mesmos, e tomar as suas decisões, bem como pela capacidade que têm de se auto – orientar.

Relativamente ao terceiro objetivo geral - ***Desenvolver nos alunos a capacidade de resolução de problemas matemáticos e de cálculo mental*** – assumimos numa primeira instância que a resolução de problemas tem que ver com a relação entre o contexto de problemas e os cálculos adequados, a consciência da existência de diversas estratégias de resolução e aptidão para a escolha de uma estratégia eficiente e predisposição para a verificação dos resultados, refletindo sobre a sua correção e relevância perante o contexto do problema (McIntosh *et al.*, 1992).

Para Abrantes (1998), nos problemas está bem presente o significado das operações matemáticas. Segundo o mesmo autor, a resolução de problemas através de palavras, possibilita o desenvolvimento das capacidades de resolução de problema,

constituindo-se também como uma oportunidade para as crianças construírem uma compreensão rica e ampla das quatro operações básicas, de revelar níveis mais avançados de contagem e de construir um conjunto de estratégias de cálculo com números inteiros, cada vez mais eficientes. No entanto, visto que o público-alvo da intervenção são alunos do 2º ano de escolaridade, o nosso foco foram as operações de adição, subtração e multiplicação, uma vez que estas, neste período de escolaridade, assumem um papel de grande importância.

Quanto ao cálculo mental e sendo este um assunto bastante controverso na medida em que existem diferentes entendimentos acerca do tipo de registo do mesmo, achamos que devemos assumir a linha de pensamento de Noteboom, Bokhove e Nelissen (2008) uma vez que estes afirmam que calcular mentalmente “não é o mesmo que fazer os cálculos na cabeça, mas sim com a cabeça e registar determinados passos, se necessário. Neste sentido, não deve ser visto como o oposto ao cálculo escrito” (p.24).

Quanto aos cálculos mentais que foram facultados aos alunos, foi nossa intenção perceber a sua variabilidade, isto é, assumir que existem diferentes modos para realizar um mesmo cálculo. Com isto entendeu-se que as crianças compreendessem e, posteriormente, memorizassem alguns factos numéricos básicos pois, na ausência deste tipo de cálculo, os alunos tendem a continuar a utilizar estratégias de contagem, sem evoluir para estratégias mais eficientes (Beishuizen e Anghileri, 1998). É essencial que este desenvolvimento das relações numéricas seja efetuado para que haja base para cálculos eficientes e para um progressivo desenvolvimento do sentido de número.

3.2.2. Objetivos relativos ao envolvimento familiar e a sua fundamentação.

No âmbito do estudo do “Envolvimento familiar na vida escolar dos alunos” são enunciados e justificados os seus principais objetivos.

O primeiro objetivo proposto consiste em ***conhecer as concepções da docente, dos alunos e dos pais acerca do envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos.***

Consideramos que é pertinente conhecer as concepções dos diferentes atores educativos pois, segundo Silva (cit. por Lima, 2002), dentro da problemática relação escola-família, existe um conjunto de concepções distintas das várias modalidades referentes à presença dos pais na vida escolar dos alunos.

Segundo o mesmo autor, o envolvimento familiar consiste “numa acção essencialmente individual em benefício directo dos filhos” (Lima, 2002, p. 101), atividade parental é definida como “actividades individuais e/ou colectivas espontâneas, não enquadradas legal ou organizacionalmente” (*id., ib.*) por participação parental entende-se como “todo o conjunto de actividades colectivas legalmente enquadradas (caso da participação dos pais em associações de pais ou em órgãos das escolas)” (*id., ib.*)

À escola está confiada uma missão de serviço público, pois é considerada como um contexto importante para “o exercício da cidadania na qual se refletem preocupações transversais à sociedade, que envolvem diferentes dimensões da educação para a cidadania” (Direção-geral da Educação, 2013, p. 1).

De acordo com o Conselho Nacional de Educação (CNE), a escola tem dois objetivos principais: formar “à luz de uma escala de valores partilhados com as Famílias” (CNE, 2006, p.74) e informar “potenciando as capacidades dos alunos” (*id., ib.*).

Por sua vez, segundo Gervilla (2008) a família é o principal agente de socialização da criança e torna-se a transmissora de cultura e de normas de conduta. É neste contexto familiar que a criança inicia os seus primeiros processos de socialização e, por isso, a família deve ter a importante função de encorajar a criança para que comunique, pense e atue. Também se pode definir a família como uma instituição onde “se constrói um projeto de vida autónomo. É a comunidade humana onde, de forma espontânea e gratuita, cada um, logo ao nascer, é reconhecido no seu carácter individual, irrepitível e insubstituível” (Nunes, 2004, p.23).

É no meio familiar que a criança realiza as suas primeiras aprendizagens e começa a construir a sua identidade. Mais tarde, este papel é também assumido pela escola. A esta não compete apenas a transmissão de conhecimentos, mas igualmente contribuir, tal como a família, para o desenvolvimento global do indivíduo tanto a nível cognitivo, como motor, afetivo e criativo (Silva, 1993).

O envolvimento familiar na vida escolar dos alunos nem sempre foi assumido como uma relação pertinente e importante.

Recorrendo a dados históricos e segundo Silva (2001), antes de 1976, este envolvimento familiar era inexistente. Só a partir do ano de 1976, em Portugal, foi aprovado um diploma sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino (Decreto-Lei nº769-A/76 de 23 de outubro), que contemplou a participação dos encarregados de

educação, que passaram a integrar os conselhos de ano ou de turma, embora sem qualquer direito de voto. A participação parental, ao estar estipulada por lei, passou a ser um direito dos encarregados de educação. No entanto tal participação teve escassos efeitos, já que os pais não tinham direito ao voto.

O mesmo autor refere que apenas a partir de fevereiro de 1977, estes sinais começaram a mudar, sendo que a Assembleia da República aprovou a primeira lei (Lei n.º 7/77) dirigida às Associações de Pais. Esta permitiu que, no mesmo período, fosse criado o Secretariado Nacional das Associações de Pais (SNAP), secretariado esse que viria a ser a primeira estrutura criada neste âmbito a nível nacional. No entanto, Silva (2001) refere que este movimento associativo, apenas contemplava os ensinos preparatório e secundário, deixando para trás o ensino primário e o ensino pré-escolar (pouco representativo até à data), que só viriam a ser contemplados 5 anos mais tarde, com o alargamento da lei das associações de pais a todos os graus e modalidades de ensino.

Nos últimos anos, fala-se de um envolvimento cada vez mais necessário devido aos seus potenciais efeitos referidos anteriormente, na qual os pais, os docentes e os alunos são beneficiados.

O segundo objetivo que foi estabelecido pretende ***conhecer as práticas existentes do envolvimento familiar na vida escolar.***

O conhecimento das práticas existentes permite conhecer e caracterizar a relação que existe entre a escola e a família neste contexto de ensino.

Davies (1993) afirma a necessidade de existirem estas práticas de envolvimento familiar para uma maior aprendizagem, revela que “quando os valores das escolas coincidem com os valores das famílias, quando não há rupturas culturais, a aprendizagem ocorre com mais facilidade.” (p.25)

É fundamental a existência constante do diálogo entre ambas as partes para que assim, se possa obter uma relação harmoniosa, de empenho mútuo e de consenso.

A existência de práticas de envolvimento permitirá que estas forneçam ao professor informações bastante úteis que poderão ser usadas para adaptar as práticas pedagógicas aos alunos, tornando-as mais eficazes.

Para que haja uma relação de harmonia e equilíbrio, a responsabilidade não pode estar apenas assente na instituição escola. A família deverá assumir uma postura de intervenção face aos seus interesses e também deverá cooperar com a

escola de forma a ajudar e a responder nas necessidades educativas dos seus educandos. Segundo Silva (2001), aos pais “enquanto colaboradores e /ou parceiros é, assim, atribuído o direito de actuarem a nível do próprio processo educativo escolar (...)” (p.53).

A importância da colaboração entre escola e família tem vindo a ser cada vez mais sublinhada nos últimos anos. A própria Lei de Bases do Sistema Educativo garante o direito dos pais a acompanhar o percurso escolar dos seus filhos.

No entanto, nas práticas de envolvimento familiar podem existir obstáculos, já que segundo Silva (cit. por Lima, 2002), esta relação continua a ser uma relação complexa, à qual se reconhece um conjunto de potencialidades, mas ainda marcada por alguns obstáculos.

Davies (1989) afirma que um dos maiores problemas relativos a esta relação deve-se ao facto de serem duas estruturas diferentes e com funções diversificadas. Lightfoot (cit. por Davies, 1989) refere que “as crianças, na família, são usualmente tratadas como indivíduos mas os alunos nas escolas são tratados como membros de um grupo.” Afirma também que as relações existentes nas escolas são “transitórias, impessoais e racionais” (p.43) enquanto as relações existentes na família são relações “prolongadas, pessoalizadas e emocionais” (Davies, 1989, p.43).

Davies (1989) refere que permanece uma desconfiança entre estas duas instituições e esta tende a intensificar-se quando existem diferenças na classe social.

Segundo o mesmo autor, os pais da classe trabalhadora “têm poucas competências profissionais, menos prestígio ocupacional que os professores e pouco tempo e disponibilidade para intervir na escola dos filhos” (p. 44), enquanto os pais da classe média têm “tanto ou mais prestígio e competência ocupacionais que os professores; também têm os necessários recursos económicos para proporcionar transporte e tempo para encontros com os professores e pagar explicações e ajudarem os filhos em casa.” (p.44)

Outro dos problemas refere-se à falta de confiança por parte dos pais das suas competências, capacidades e na compreensão acerca das escolas (Davies, 1989).

As “relações entre pais e professores sempre foram um assunto polémico (...) quer pela sua inexistência, quer pelo carácter sensível que assume” (Lima, 2002, p.7), no entanto, esta relação é possível desde que haja um esforço de ambas as partes. A escola ao permitir o envolvimento dos pais poderá adoptar práticas mais eficazes para

o melhor desenvolvimento dos seus alunos. A família ao assumir as suas responsabilidades e ao interagir mais na vida escolar do seu educando, permitirá contribuir para um maior crescimento do seu educando.

Assim, estas duas instituições juntas podem promover “(...) situações complementares e significativas de aprendizagem (...) uma vez que (...) dividem e partilham as suas responsabilidades no que respeita à socialização e educação das crianças” (Machado, 2011, p. 35).

4. METODOLOGIA DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

A metodologia de Investigação-Ação é definida por Elliot (cit. por Coutinho, 2011) como “um estudo de uma situação social que tem como objetivo melhorar a qualidade de ação dentro da mesma” (p. 393). Lomax (cit. por Coutinho, 2011) têm uma opinião semelhante ao de Elliot, pois define a Investigação-Ação como “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria” (p.393). Sousa (2005) refere que é “um tipo de estratégia metodológica de estudo que é geralmente levado a efeito pelo professor sobre a ação pedagógica desempenhada por si com os seus alunos” (p.95).

Todo o trabalho desenvolvido ao longo da intervenção pedagógica aproxima-se de uma metodologia de Investigação-Ação com abordagem qualitativa, pois protagonizamos uma intervenção pedagógica que assumiu funções e competências docentes aliada à utilização de técnicas de recolha de dados, numa perspectiva investigativa e de melhoria dessa mesma intervenção.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), tanto os métodos qualitativos como os métodos quantitativos, podem ser usados na Investigação-Ação. No entanto, neste trabalho foram usadas metodologias qualitativas que se baseiam “na observação, na entrevista aberta e no recurso a documentos” (p. 293). Bogdan e Biklen (1994) referem ainda que “a abordagem qualitativa requer que os investigadores desenvolvam empatia para com as pessoas que fazem parte do estudo e que façam esforços concertados para compreender vários pontos de vista.” (p.287). Posteriormente, ainda referem que a abordagem qualitativa

é um método de investigação que procura descrever e analisar experiências complexas. Partilha semelhanças com os métodos de relações humanas na medida em que, como parte do processo de recolha dos dados, devemos escutar correctamente, colocar questões pertinentes e observar detalhes” (p. 291)

Para a caracterização do contexto socioeducativo foram utilizadas várias metodologias de recolha e análise de dados.

Na caracterização da escola foi elaborada uma análise documental ao Regulamento Interno da Escola, ao Projeto Educativo e ao Projeto Curricular.

Na caracterização do grupo de alunos, da sala de aula e da organização e gestão curricular da professora cooperante, recorreremos à análise documental do Plano de Turma, dos documentos internos da escola e também à observação “não participante”, uma vez que não implicou a nossa intervenção.

Segundo Sousa (2005), na observação não-participante,

o observador toma contacto mas não se integra no contexto que observa, mantendo um certo afastamento, permanece de fora. O seu papel é essencialmente o de um espectador isento, presenciando os factos mas sem participar nem se deixar envolver por eles (p. 113).

Para esta caracterização também recolhemos informação através de técnicas de conversação com a professora cooperante. Segundo Coutinho (2011), as técnicas baseadas na conversação “estão centradas na perspectiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo” (p. 370)

Para conhecer melhor os alunos aplicamos um questionário relativo à sua preferência nas áreas curriculares e nas atividades de sala de aula e de recreio. O questionário consiste numa “técnica de investigação em que se interroga por escrito uma série de sujeitos, tendo como objetivo conhecer as suas opiniões, atitudes, predisposições, sentimentos, interesses” (Sousa, 2005, p. 204). Continha apenas respostas fechadas de forma a existir uma maior facilidade, por parte dos alunos, a responder e também para ser mais fácil para nós podermos analisá-los. A apresentação dos resultados foi elaborada através da construção de gráficos no programa Excel.

Para conhecermos as aprendizagens dos alunos, analisamos as fichas de avaliação dos alunos e recolhemos também informação através de conversas informais com a professora cooperante.

Seguidamente, na implementação do Plano de Intervenção, recorreremos a uma observação participante, já que esta observação “consiste no envolvimento pessoal do observador na vida da comunidade educacional que pretende estudar, como se fosse um dos seus elementos, observando a vida do grupo a partir do seu interior, como seu membro” (Sousa, 2005, p. 113). Esta observação participante é também natural, já

que pertencíamos “à mesma comunidade do grupo” (Sousa, 2005, p. 113) que estávamos a observar.

Durante a intervenção, elaboramos algumas grelhas de avaliação de modo a podermos avaliar a nossa intervenção e adaptar a nossa prática às necessidades dos alunos.

Ao longo da intervenção foi realizado um estudo que tinha como principais objetivos:

- Conhecer a percepção da docente, dos pais e dos alunos acerca do envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos.
- Conhecer as práticas existentes do envolvimento familiar na vida escolar.
- Conhecer os processos de cooperação entre a docente e as famílias dos alunos.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa e recolha de informação sobre o tema. Posteriormente, após a recolha de informação necessária, procedeu-se à construção da entrevista semiestruturada, do inquérito por questionário e da entrevista coletiva.

A entrevista destinou-se à docente. Teve como principais objetivos conhecer as conceções da docente acerca do envolvimento das famílias na vida escolar e conhecer as práticas existentes que permitiram esse envolvimento. Segundo Sousa (2005) a entrevista “procura estudar variáveis complexas e mais ou menos subjectivas em amostras mais reduzidas” (p.247) permitindo assim, estabelecer uma relação mais pessoal entre o entrevistador e o entrevistado.

Esta entrevista era semiestruturada, uma vez que neste tipo de entrevista, “o entrevistador tem previamente preparadas as questões de que pretende as respostas no decorrer da conversação” (Sousa, 2005, 0. 249). Sendo assim, previamente foi elaborado um guião (anexo J) com um conjunto de perguntas definidas.

A entrevista foi gravada em suporte áudio e seguidamente transcrita (anexo K) para poder ser analisada posteriormente.

Realizou-se, também, uma entrevista-semiestruturada a um grupo de alunos da turma escolhidos aleatoriamente (anexo L), que teve como objetivos conhecer as conceções dos alunos acerca do envolvimento das famílias e conhecer as práticas existentes que permitiram o envolvimento familiar.

A entrevista foi também gravada em suporte áudio e seguidamente transcrita (anexo M) para poder ser analisada posteriormente.

O inquérito por questionário destinou-se aos pais (anexo N). Teve como principais objetivos conhecer as suas conceções acerca do envolvimento das famílias na vida escolar e conhecer as práticas existentes que permitiram esse envolvimento. Foi respondido *on-line* através do Google Drive (anexo O). O link do inquérito foi enviado para os endereços eletrónicos dos pais.

A metodologia de inquérito por questionário permite “formular uma série de perguntas directamente aos sujeitos” (Sousa, 2005, p. 153).

Foi utilizada esta metodologia, pois segundo Sousa (2005), o inquérito deverá ser utilizado quando o estudo pretende procurar opiniões, pensamento de um conjunto de sujeitos e que se expressa normalmente em percentagens. É o que ocorre nesta presente situação.

As respostas presentes neste inquérito são, na sua maioria, fechadas para facilitar a realização deste e também facilitar a sua análise.

O questionário foi respondido por 11 participantes, sendo que 8 são do sexo feminino e 3 são do sexo masculino.

O grau de escolaridade dos pais distribui-se como apresenta a Figura 1.

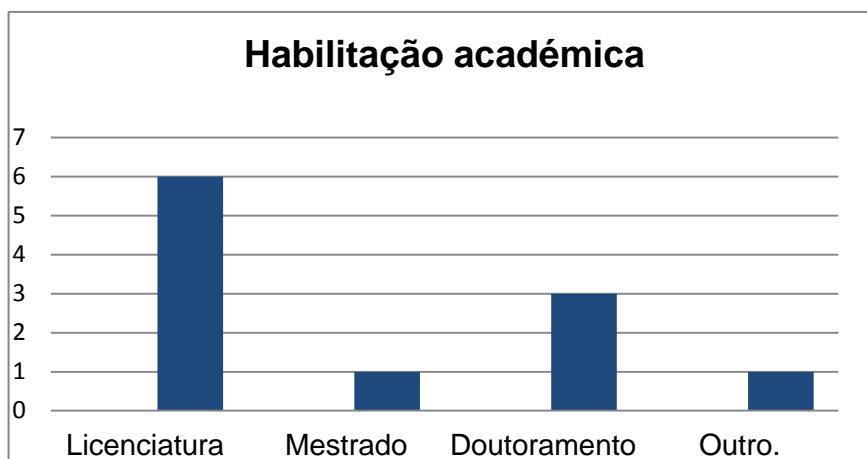


Figura 1

Habilitação académica

Nota. Dados recolhidos no questionário e analisados em Excel.

Analisando a Figura 1, é possível verificar que a maioria dos pais é licenciada. Os restantes dados recolhidos dos questionários foram analisados em Excel. (anexo P)

Num momento da intervenção, as mães dos alunos foram chamadas à escola para participar numa atividade de sala de aula. Nesta atividade, toda a observação foi registada em notas de campo (anexo Q), que consistem “num relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Sousa, 2005, p. 150).

5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Neste capítulo serão apresentados e fundamentados os princípios orientadores que estiverem presentes ao longo da intervenção pedagógica. Serão ainda apresentadas as estratégias globais de intervenção, bem como a apresentação do contributo das diferentes áreas curriculares disciplinares e não disciplinares para a concretização dos objetivos estabelecidos no PI.

Seguidamente, visto que os pais foram convidados a participar em algumas atividades durante a intervenção pedagógica, serão também apresentadas, neste capítulo, as concepções, dos pais, da docente e dos alunos sobre o envolvimento familiar na vida escolar.

5.1. Princípios pedagógicos

Os princípios pedagógicos definidos no PI têm como objetivo contribuir para uma melhor qualidade no ambiente de ensino-aprendizagem, permitindo um maior desenvolvimento de todos os alunos.

Deste modo, integrámos, na nossa prática, os seguintes princípios: a diferenciação pedagógica, o trabalho cooperativo e as aprendizagens significativas.

Resendes e Soares (2002) definem a diferenciação pedagógica como a

“identificação e a resposta a uma variedade de capacidades de uma turma, de forma que os alunos, numa determinada aula não necessitem de estudar as mesmas coisas ao mesmo ritmo e sempre da mesma forma” (p. 22).

Segundo Visser (cit. por Resendes e Soares) a diferenciação pedagógica é

um processo segundo o qual os professores se defrontam com a necessidade de fazerem progredir no currículo, uma criança em situação de grupo, através da selecção apropriada de métodos de ensino e de estratégias de aprendizagem e de estudo” (2002, p. 22).

Para que um professor adopte como princípio a diferenciação pedagógica, tem que primeiramente conhecer as características individuais de cada aluno, visto que cada aluno tem “pontos fortes, interesses, necessidades e estilos de aprendizagem diferentes” (Resendes e Soares, 2002, p. 14).

Resendes e Soares (2002) afirmam que os alunos aprendem melhor quando os professores respeitam a individualidade dos alunos e ensinam de acordo com características individuais dos alunos.

O trabalho cooperativo é uma metodologia na qual os alunos se ajudam mutuamente. Cochito (2004) refere que

Desenvolvimento, Aprendizagem e Conhecimento são processos sociais e a cooperação é indispensável à sua construção. Cooperar, no entanto, não deriva automaticamente da proximidade física. Implica igualdade e diferença. Só pode haver cooperação quando pessoas curiosas, confiantes, informadas e motivadas, capazes de reflectir, ouvir e participar, com diferentes pontos de vista, diferentes experiências e vivências são reconhecidas como competentes na sua individualidade (pessoal, social e cultural). Quando, dadas as oportunidades e em clima de igualdade, se gera entre elas um conflito ‘positivo’ que provoca a desestabilização necessária para uma evolução cognitiva e atitudinal. Logo, cooperar é também condição *sine qua non* para a construção de uma sociedade democrática e plural (p. 4).

As aprendizagens significativas correspondem às

vivências efectivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam.

São igualmente significativos os saberes que correspondem a interesses e necessidades reais de cada criança.” (Organização curricular e programas (p. 23)

Sendo assim, um professor deverá conhecer a história pessoal do aluno para que adapte o currículo às características individuais dos seus alunos e, só assim, poderá originar novas e estáveis aprendizagens.

Ao integrarmos estes princípios na nossa prática, acreditamos que estamos a melhorar o ambiente de ensino-aprendizagem e a agir de forma adequada com o grupo de alunos.

5.2. Estratégias globais de intervenção

No sentido de concretizar os objetivos estabelecidos no PI, definimos um conjunto de estratégias globais de intervenção.

De seguida, é apresentado o conjunto de estratégias utilizadas e organizadas na tabela apresentada de seguida.

Tabela 2

Estratégias globais de intervenção

Objetivos gerais	Estratégias de intervenção específicas a cada um dos objetivos	Estratégias comuns a todas as áreas
Fomentar nos alunos competências de escrita ao nível da ortografia;	Implementação de rotinas de escrita.	Trabalho cooperativo Recurso a materiais didáticos
Promover nos alunos a aquisição de competências de autonomia e responsabilidade;	Implementação de atividades que exigem responsabilidade e autonomia.	Elaboração de atividades com base nos interesses e características individuais dos alunos
Desenvolver nos alunos a capacidade de resolução de problemas matemáticos e de cálculo mental.	Implementação de rotinas de cálculo mental.	Elaboração de atividades diversificadas Recurso a fichas e ao manual. Utilização de recursos audiovisuais.

Nota: autoria própria

5.3. Contributo das diferentes áreas curriculares para a concretização dos objetivos do PI

As diversas áreas curriculares, disciplinares e não disciplinares, contribuíram para a realização dos objetivos gerais definidos no PI.

De seguida, serão apresentados as diferentes atividades, acompanhadas de evidências, que permitiram o cumprimento desses objetivos.

Relativamente às competências sociais, mais nomeadamente na implementação de atividades que exigiam autonomia e responsabilidade, elaboramos uma tabela (anexo R) em que distribuímos, por cada aluno, uma função. Essa distribuição foi realizada de duas em duas semanas e, embora a distribuição tenha sido sempre elaborada por nós, perguntamos aos alunos as suas preferências.

Elegemos alunos para se responsabilizarem na arrumação e distribuição do material escolar, na distribuição e arrumação dos livros, na orientação do Conselho de Turma, entre outras funções que podem ser observadas na tabela que se encontra em anexo.

As responsabilidades de gerir determinadas funções permitem preparar o aluno para o adulto que será futuramente. O facto de se transferir o poder para o aluno irá permitir que este se torne mais autónomo e mais responsável.

O Conselho de Cooperação Educativa, realizado todas as sextas-feiras, desempenhou também um papel essencial na resolução de problemas a nível interpessoal e intrapessoal. Este Conselho permitiu que todos os alunos livremente pudessem argumentar para criar uma solução que os conduzisse para a resolução de um conflito.

No Conselho, os alunos aprendem a pensar. A resolução coletiva de conflitos permite criar uma maior confiança, segurança e também responsabilidade que consequentemente contribui para fortalecer a coesão comunitária.

A discussão permite a construção social do pensamento individual e coletivo e a compreensão comunitária.

Nas sessões de Educação Física também foi pedido a determinados alunos para ficarem responsáveis pela recolha dos materiais e também responsabilizarem-se na resolução dos conflitos que existiam durante as sessões. Nesta área curricular, ocorriam muitos conflitos entre os alunos. Novamente pretendíamos que os alunos

ganhassem uma maior responsabilidade e também que fortalecessem a coesão comunitária.

Ao longo das semanas, nas diferentes áreas curriculares, principalmente na área de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio, fomos pedindo aos alunos para elaborarem sozinhos as atividades que eram propostas para percebermos se os alunos estavam a desenvolver uma maior autonomia.

No entanto, um dos nossos princípios orientadores consistia no trabalho cooperativo e, por isso, os alunos não elaboraram apenas trabalhos individuais nas diferentes disciplinas.

Em Estudo do Meio, por exemplo, os alunos elaboraram experiências sobre as propriedades dos materiais (anexo S) em que tiveram que trabalhar em equipa, sendo necessário distribuir tarefas entre os grupos.

Em Matemática, os alunos tiveram que se reunir a pares. Tinham que imaginar que se encontravam numa loja. Um aluno seria o cliente e outro seria o empregado. Ao longo da atividade, os alunos teriam que cooperar e fazer trocas de dinheiro mediante as compras que o cliente fazia (anexo T)

Em Língua Portuguesa, um dos trabalhos que realizaram em grupo, consistiu na elaboração de um convite em grande grupo (anexo U). Os alunos tinham que respeitar a vez de falar dos colegas e participar de forma adequada, cooperando na elaboração do convite.

A autonomia também se promove no trabalho cooperativo, pois o aluno tem que negociar na hora da sua planificação, na construção compartilhada com conhecimento e na gestão de relações com os seus colegas. A responsabilidade também se promove, pois, como já foi referido, o facto de se transferir o poder para os alunos irá permitir que este se torne mais responsável.

Relativamente ao objetivo que consiste em fomentar nos alunos competências de escrita ao nível da ortografia, este objetivo está diretamente ligado à área da Língua Portuguesa.

Os alunos apresentavam muitas dificuldades a nível de ortografia. Para combater esta fragilidade, implementámos uma rotina de ditado.

Todas as semanas ocorria um momento de ditado (anexo V) em que os alunos escreviam o que estava a ser dito. No entanto, quando um aluno tivesse uma dúvida de como se escrevia uma palavra, este colocava o dedo no ar e, em diálogo com toda a turma, discutia-se como é que a palavra se escrevia.

Para uma melhoria na ortografia, também ocorreram momentos de melhoramento de texto com toda a turma (anexo W). Nestes momentos, escrevíamos o texto de um aluno no quadro e juntamente com as sugestões da turma melhorávamos o texto.

Ocorreram também momentos em que os alunos elaboravam uma produção escrita (anexo X) e, mais tarde, corrigíamos a produção escrita, juntamente com o aluno, para que este tivesse uma maior consciência sobre os seus erros.

Apesar deste objetivo estar diretamente ligado à disciplina de Língua Portuguesa, na área da Matemática, por vários momentos, implementou-se a rotina de ditado na escrita do enunciado do problema.

Relativamente ao objetivo geral que consiste em desenvolver nos alunos a capacidade de resolução de problemas matemáticos e de cálculo mental, este objetivo está diretamente ligado com a área da Matemática.

Os alunos realizaram, uma vez por semana, exercícios de cálculo mental

Era dado um determinado tempo para os alunos elaborarem os exercícios de cálculo mental, posteriormente, em grande grupo, eram corrigidos os exercícios. Os alunos tinham a responsabilidade de corrigir a sua ficha e perceber no que tinham errado de forma a poderem melhorar futuramente.

Na verdade, de uma forma geral, ocorreu uma forte evolução no desenvolvimento na capacidade de resolução de cálculo mental. (anexo Y)

Relativamente à resolução de problemas, todas as semanas existia um problema da semana (anexo Z) em que os alunos tinham que resolver.

No entanto, para além do problema da semana, ocorreu a necessidade de os alunos elaborarem mais fichas com problemas (anexo AA), já que os alunos tinham dificuldade na compreensão do que era pedido no problema.

O grupo de alunos tinha um ritmo de trabalho muito dispare. Para respeitar as características individuais dos alunos relativos à gestão do tempo, criamos um *dossier* de ficheiros extra das diferentes áreas curriculares para os alunos que terminassem a atividade mais cedo. Era dado uma ficha aos alunos na qual os seus conteúdos dependiam das maiores dificuldades individuais que considerávamos existir no aluno.

Ao longo de toda a intervenção preocupamo-nos em conhecer as características individuais dos alunos, os seus interesses e as suas necessidades.

Quando o professor conhece bem os seus alunos, está pronto para estudar a adaptar o currículo às características individuais de cada criança e permitir assim, o

sucesso escolar de todos os seus alunos. Sendo assim, ao longo da nossa intervenção, tentámos adaptar a nossa prática às características da turma, de forma a obterem sucesso escolar.

Tal como previsto no Plano de Intervenção, os pais foram solicitados a participar em algumas atividades.

No âmbito da Língua Portuguesa, desenvolvemos, com os alunos, um trabalho relacionado com uma sequência didática sobre a receita.

Com base nessa sequência, os alunos levaram para casa uma folha para preencher com a sua receita favorita. A receita foi elaborada com a ajuda dos pais. Mais tarde, com as 20 receitas obtidas, elaborámos um livro de receitas que teve como título “As receitas do 2.ºB” (anexo BB). Este livro foi colocado na biblioteca da sala de aula. Esta atividade foi realizada com êxito. Todos os pais participaram e os alunos mostraram-se motivados e participativos na atividade.

Os pais dos alunos sempre demonstraram muita vontade de participar na vida escolar dos seus filhos. Este envolvimento era bastante visível, principalmente, nos trabalhos de casa. Constantemente, os alunos diziam-nos que os pais tinham visto e ajudado nos trabalhos de casa e que estava tudo certo. Na verdade, quando analisávamos os trabalhos de casa dos alunos, estes vinham realmente corrigidos e raramente se observavam respostas erradas.

No âmbito da Expressão Plástica e com base nas comemorações do Dia da Mãe, pedimos a todas as mães para nos fazerem uma visita à sala de aula.

Devido ao horário em que se realizava a atividade, ficamos um pouco receosas, já que provavelmente as mães estariam a trabalhar e não estariam disponíveis. No entanto, 10 mães estiveram presentes, o que revelou o seu interesse em participarem e envolverem-se na vida escolar dos seus filhos.

A atividade (anexo CC) consistiu na decoração de uma moldura com diversos materiais. Todos os alunos demonstraram estar motivados e participativos na realização da atividade.

Todo o trabalho desenvolvido com os pais teve como principais objetivos conhecer as conceções dos diferentes atores educativos e conhecer as práticas existentes de envolvimento parental.

Sendo assim, de seguida, serão analisadas as conceções da docente, dos pais e dos alunos, bem como as práticas existentes de envolvimento das famílias.

5.4. Concepções e práticas de envolvimento familiar a partir da intervenção educativa

A partir da análise da entrevista à docente e aos alunos e através do questionário elaborado aos pais, conseguimos obter algumas conclusões acerca das concepções do envolvimento das famílias e das práticas existentes de envolvimento familiar.

5.4.1. Concepções de envolvimento das famílias

Ao analisarmos as respostas, é possível observar que tanto a docente, como os pais e os alunos consideram muito importante a participação familiar na vida escolar.

Os alunos e os pais acrescentaram que é muito importante essa participação para os pais saberem como está a correr o percurso escolar dos filhos.

A docente e os pais também afirmaram que os alunos empenham-se mais quando sentem que os pais participam na sua vida escolar e, conseqüentemente, obtêm melhores resultados escolares.

Na verdade, a opinião da docente e dos pais aproxima-se da opinião de Davies (1989) que afirma que o envolvimento dos pais resulta em melhores resultados académicos por parte dos alunos.

Quando a docente foi questionada sobre a sua opinião relativamente à articulação entre a família e a escola, ao analisarmos a entrevista remetida para anexo, a docente referiu que é muito importante a relação que os pais estabelecem com a professora.

No entanto, no inquérito por questionário feito aos pais, a primeira pergunta pedia para referirem, de acordo com a sua opinião, qual o aspeto que consideravam mais importante: a participação dos pais nas atividades propostas pela docente; a existência de uma boa relação entre pais e professores ou o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos. Dos 11 pais inquiridos, 10 referiram que o aspeto mais importante seria o envolvimento familiar na vida escolar, enquanto apenas um pai referiu que era importante a existência de uma boa relação entre pais e professores. Este aspeto evidencia uma divergência das concepções dos pais e da docente.

A opinião dos pais aproxima-se das afirmações de Diez (1989), este refere que concebe-se frequentemente a relação escola-família “como um simples diálogo entre pais e professores acerca do resultado académico dos estudos dos filhos ou às reuniões convocadas pela escola” (p. 9), mas esta integração das pessoas, “que estão implicadas num mesmo processo educativo, exige muito mais que esta simples relação” (id., ib), exige que haja um envolvimento familiar na vida escolar do aluno, embora uma boa relação de comunicação entre pais e professores seja também fundamental.

Na pergunta 4, do inquérito por questionário, era pedido aos pais para indicarem duas situações que considerassem mais significativas relativamente à participação dos pais na escola. Os pais, na sua maioria, referiram que as reuniões (10) e os trabalhos de casa (8) eram das situações mais pertinentes neste envolvimento. A docente, quando questionada sobre os momentos/atividades relevantes neste envolvimento, teve uma opinião diferente, referindo a participação dos pais nos dias festivos.

Na verdade, os trabalhos de casa podem “ser um bom elo entre pais e professores” (Davies, 1989, p. 117).

A docente, que referiu na entrevista que seria importante os pais não ajudarem tanto os filhos nos trabalhos de casa para ela entender as reais dificuldades dos alunos, ao contrário do que pensa, esta ajuda dos pais traz benefícios. Segundo o autor Don Davies (1989) existem estudos que comprovam os benefícios “quando os pais exprimem interesse e supervisionam os trabalhos de casa dos filhos.” (p.117)

5.4.2. Práticas de envolvimento das famílias

Relativamente à participação dos pais, a docente revela que é muito positiva, que os pais são muito empenhados e muito presentes na vida escolar dos alunos.

Todos os alunos referiram também que os pais participam nas atividades escolares.

Estas opiniões aproximam-se da opinião dos pais. De uma forma geral, a maioria dos pais (10) referiu que participa frequentemente em eventos criados pelas escolas e em eventos criados pela professora (8). No entanto, a maioria dos pais respondeu que raramente (3) ou nunca (5) participou em eventos criados pela Associação de Pais.

Como já foi referido, esta participação é bastante importante e “proporciona múltiplos e diversos benefícios: para o desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças, para os pais, para os professores e escolas” (Don Davies, 1989, p. 37)

A maioria dos pais (9) respondeu que, frequentemente, ajuda os filhos nos trabalhos de casa. Os alunos, de uma forma geral, referem que têm a ajuda de alguém nos trabalhos de casa mas que nem sempre são os pais.

Este interesse dos pais, que é facilmente visível, “é uma expressão do valor que atribuem à escola, à aprendizagem dos filhos” (Don Davies, 1989, p. 117) e traz benefícios aos alunos e que já foram referidos anteriormente.

Quando perguntado à docente como se concretiza o envolvimento familiar na vida escolar dos seus alunos, esta refere que os pais são chamados em dias festivos e em atividades a realizar com os filhos em sala de aula. Perguntado aos alunos, estes referiam que os pais vão às reuniões, às festas de fim de ano e às atividades de sala de aula.

Quando os alunos referiram atividades de sala de aula, os alunos estariam a falar do projeto realizado pela professora denominado por “A profissão dos meus pais”. Como já foi referido anteriormente, este projeto criado pela docente teve como principal objetivo promover a participação dos pais na sala de aula.

A maioria dos pais (9) referiu que a sua participação é solicitada em reuniões escolares. Apenas dois pais referiram que a sua participação é solicitada em atividades na sala de aula.

Ao observar estas respostas, é possível verificar que esta escola não manteve os “padrões tradicionais de relacionamento com exterior.” (Don Davies, 1993, p.30). O tipo de relacionamento que “limita-se a reuniões no início do ano lectivo e a realização de festas com a presença dos pais” (Don Davies, 1993, p.30). Tanto as respostas da docente como dos alunos e dos pais, comprovam que, para além das reuniões e das festas, os pais são chamados para atividades na sala de aula.

Relativamente aos obstáculos que consideram existir na participação dos pais na vida escolar dos alunos, a docente considera que devido à profissão dos pais, é muito difícil existir tempo disponível para os pais conseguirem ir à escola, já que as atividades ocorrem em horários em que a maioria dos pais está a trabalhar. Refere também que devido aos programas serem muito extensos, não é possível fazer muitas atividades que envolvam os pais, já que ocupam muito tempo.

A opinião da docente vai de encontro com a opinião dos pais, já que estes referem, no questionário, que quando não participam nas atividades é porque o seu horário de trabalho não permite.

Sendo assim, é possível observar que nem a docente, nem os pais reconhecem a falta de comunicação entre eles como um obstáculo. De acordo com Davies (1989) “a chave do envolvimento dos pais reside numa boa comunicação” e, a verdade, o envolvimento familiar e a boa comunicação é facilmente visível no dia-a-dia daquela turma. O mesmo autor afirma que “As escolas eficazes comunicam com a família, esperam que os pais reforcem as atitudes facilitadoras do sucesso educativo e exigem que eles apoiem os filhos no estudo.” (p.37)

Na verdade estamos perante uma escola em que os seus valores coincidem com os valores das famílias. Nas “comunidades homogéneas, em que os professores partilham os mesmos valores e padrões culturais dos pais dos alunos, está garantida, à partida, a continuidade entre a escola e a comunidade.” (p.25)

Em suma, podemos concluir que pais, docentes e alunos partilham algumas conceções sobre o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos.

Neste contexto, é visível que “a família e a escola têm, na educação da criança, um lugar de encontro, de acção e relação coordenadas.” (Diez, 1989, p. 10)

Esta investigação serviu para poder recolher informação sobre as representações dos pais e conhecer os programas de envolvimento dos pais, independentemente de não termos conseguido criar mais atividades de envolvimento parental devido ao tempo limitado.

6. AVALIAÇÃO

Neste capítulo será apresentado uma análise comparativa dos resultados de avaliação dos alunos ao longo da intervenção pedagógica.

Posteriormente ocorre a avaliação do PI na qual se irá identificar e justificar as reformulações que ocorreram.

6.1. Avaliação das aprendizagens dos alunos

A avaliação constitui uma ferramenta promotora de qualidade e de eficácia da ação educativa.

Ao avaliar, o professor consegue observar as aprendizagens adquiridas por cada aluno da turma e também determinar se os objetivos, previamente estipulados, estão a ser concretizados com êxito.

Assim, a fase avaliativa é imprescindível para conhecer e melhorar o trabalho que se desenvolve e, através da compreensão das ações realizadas torna-se possível verificar o que está bem e o que está mal, para que assim sejam possíveis pequenos ajustes que permitam melhor a ação pedagógica (Santos Guerra, 1993, cit. In Ferreira, 2007, p.11).

A avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos consiste num momento relevante de recolha de informação sobre os processos de ensino e de aprendizagem (Almeida, 2012).

Ao longo da intervenção pedagógica, foi realizada de forma sistemática uma avaliação formativa, pois, esta avaliação permite conhecer o aluno, orientando-o de acordo com as suas aptidões, interesses e dificuldades; verificar o progresso académico de cada aluno através de registos sistemáticos por parte do professor; detetar as dificuldades dos alunos, e orientar as suas aprendizagens, fazendo com que estas sejam mais eficazes através da adequação das práticas de ensino.

Para avaliar as aprendizagens dos alunos utilizámos maioritariamente grelhas de avaliação que permitiram fazer uma análise da evolução das aprendizagens dos alunos. As grelhas foram preenchidas com base na observação direta dos alunos durante as atividades propostas em sala de aula.

De seguida, será apresentado a evolução dos alunos de acordo com cada disciplina.

6.1.1. Língua Portuguesa

No âmbito da disciplina de Língua Portuguesa serão analisadas as grelhas de avaliação preenchidas no início e no fim da intervenção pedagógica (anexo DD) de forma a avaliar a evolução dos alunos.

Seria importante relacionar os resultados das fichas de avaliação do final de cada período mas estas avaliam conteúdos diferentes, por esta razão, esta avaliação é baseada apenas nas grelhas, tal como já foi referido.

Ao observar a grelha de avaliação do início da intervenção pedagógica, podemos verificar que, de uma forma geral, os alunos demonstraram ter muitas dificuldades na Escrita. Ao analisar as suas produções escritas é possível verificar que os alunos tinham muitas dificuldades em assinalar os parágrafos, em assinalar os sinais de pontuação e em cumprir as regras de ortografia.

Relativamente à Expressão e Compreensão do Oral, os alunos não demonstraram ter muitas dificuldades.

Ao observar a grelha de avaliação no fim da intervenção pedagógica, podemos verificar que, de uma forma geral, os alunos melhoraram muito na escrita, principalmente na sinalização dos parágrafos e no cumprimento das regras básicas de ortografia. Nas atividades de melhoramento de texto, insistimos muito com os alunos, avisando-os que tinham que assinalar os parágrafos, já que existiam textos que tinham apenas um parágrafo assinalado. A rotina de ditado também foi uma ajuda, principalmente nos momentos em que corrigimos com o aluno os seus erros para que tomasse uma maior consciência dos seus próprios erros.

6.1.2. Matemática

No âmbito da disciplina de Matemática, e tal como na disciplina de Português, serão analisadas as grelhas de avaliação preenchidas no início e no fim da intervenção pedagógica (anexo EE), de forma a analisar a evolução dos alunos nesta disciplina.

Ao observar a grelha preenchida no início da intervenção, é possível verificar que, nos números e operações, que os alunos demonstravam mais dificuldades nas operações de subtração e de multiplicação.

Na geometria e medida, os alunos não demonstraram muitas dificuldades. Apenas apresentaram mais dificuldades em realizar medições usando medidas

convencionais, já que era um conteúdo que ainda não tinha sido muito trabalhado por parte da professora cooperante.

A resolução de problemas era uma das maiores dificuldades da turma a nível da disciplina de Matemática. Muito frequentemente os alunos liam o problema e não entendiam como poderiam resolvê-lo.

Ao observarmos a grelha preenchida no fim da intervenção, é possível verificar que, nos números e operações, houve uma grande evolução nas operações de subtração e de multiplicação. Acredito que o facto de implementar uma rotina de cálculo mental e insistir na realização destas operações ajudou com que os alunos desenvolvessem um maior raciocínio de cálculo mental.

Na resolução de problemas também houve uma grande evolução. A implementação do problema da semana e a repetições de exercícios com problemas permitiu, mais uma vez, um maior raciocínio matemático.

6.1.3. Estudo do Meio

No âmbito desta disciplina não foi possível elaborar uma análise comparativa dos resultados observados no início e no fim da intervenção, pois os conteúdos são diferentes e impossíveis de comparar.

Ao analisarmos a grelha de avaliação (anexo FF) no fim da intervenção, é possível verificar que os alunos, de uma forma geral, não têm muitas dificuldades nesta disciplina.

No entanto, os dois indicadores que os alunos demonstram mais dificuldades são os seguintes: identifica algumas plantas mais comuns existentes no ambiente próximo; relaciona as propriedades dos materiais com a sua utilidade. Os alunos que apresentam dificuldades nestes dois indicadores são apenas dois, sendo que o resto da turma apresenta facilidades.

6.1.4. Expressões Artísticas

As únicas áreas que trabalhámos no âmbito das Expressões Artísticas, referem-se à Expressão e Educação Dramática e à Expressão e Educação Plástica.

Nestas duas áreas facilmente se verificou a motivação e o interesse dos alunos.

Na grelha de avaliação de Expressão Dramática (anexo GG) verifica-se que, de uma forma geral, são os alunos do sexo masculino que demonstram ter mais dificuldades em utilizar o corpo e a voz.

Relativamente à área de Expressão e Educação Plástica e observando a grelha de avaliação (anexo HH), os alunos não demonstram muitas dificuldades.

6.1.5. Expressão e Educação Físico-Motora

No âmbito da área de Expressão e Educação Físico-Motora, serão analisadas as grelhas de avaliação preenchidas no início e no fim da intervenção pedagógica (anexo II).

Na grelha de avaliação preenchida inicialmente, é possível verificar que os alunos não demonstram dificuldades. No entanto, no cumprimento das regras dos jogos e na cooperação com os colegas, alguns dos alunos demonstram dificuldades, apenas por não conseguirem ter um bom comportamento nesta disciplina.

Na segunda grelha de avaliação, é possível verificar que os mesmos alunos conseguiram melhorar o seu comportamento, no entanto, ainda demonstram grandes dificuldades na cooperação e no cumprimento das regras.

6.1.6. Competências Sociais

No âmbito das competências sociais, foram também criadas duas grelhas de avaliação, uma das grelhas foi preenchida no início e outra foi preenchida no fim da intervenção (anexo JJ).

Ao analisarmos as duas grelhas é possível verificar que os alunos melhoram nos seguintes aspetos: na autonomia, no respeito pelo outro, na gestão do tempo, na atenção e na responsabilidade.

6.2. Avaliação do Plano de Intervenção

A avaliação, uma das etapas do trabalho de um projeto, constitui um fator fundamental e encontra-se intimamente ligada ao processo de planeamento.

De uma forma geral, considero que o Plano de Intervenção se realizou com sucesso. Sempre foi considerado importante elaborar atividades que despertassem o interesse e a motivação dos alunos e adaptar as atividades às características

individuais, aos interesses e às necessidades dos alunos, tal como já foi referido anteriormente.

Ao analisarmos todos os trabalhos que os alunos elaboraram, sentimos que os alunos evoluíram e que contribuímos para o desenvolvimento deles. Na verdade, não existe nada mais gratificante do que observar esta evolução.

No entanto, existem sempre alterações a serem efetuadas, principalmente pelo facto de não termos muita experiência e ainda não termos iniciado a nossa carreira profissional.

Um dos constrangimentos deste estágio, principalmente no início, foi a gestão do tempo. Na verdade, elaborávamos planificações que nunca conseguíamos cumprir devido ao elevado número de atividades que propúnhamos apenas para uma sessão. No entanto, à medida que o tempo foi passando, conseguimos adequar as planificações ao tempo que tínhamos, tendo nas últimas semanas, cumprido tudo o que planificámos antecipadamente.

Outro dos constrangimentos que sentimos refere-se às constantes alterações das planificações diárias e das fichas de trabalhos que propúnhamos à professora cooperante. Na verdade, tentámos sempre entregar, à professora, as planificações e os materiais com uma semana de antecedência. Respeitámos e valorizámos sempre as sugestões da professora cooperante, e, por isso mesmo, existia sempre a necessidade de fazer alterações. Frequentemente, também existiam atividades propostas pela escola na qual os alunos teriam que realizar, por esta razão, muitas vezes, tivemos que adaptar as planificações ao curto espaço de tempo que tínhamos.

Com vista a avaliar o Plano de Intervenção, preenchemos uma grelha de avaliação no início e no fim da intervenção pedagógica (anexo KK). As duas grelhas têm cada um dos objetivos gerais estabelecidos no PI e a sua consecução é avaliada através da análise dos indicadores de avaliação.

Sendo assim, ao avaliar as duas grelhas é facilmente observável que nos indicadores de avaliação relacionados com a disciplina de Língua Portuguesa ocorreu uma maior evolução dos alunos na escrita de textos respeitando as convenções gráficas e ortográficas e no cumprimento das regras de pontuação. Ao analisar as produções escritas dos alunos, era bastante visível esta evolução, que acredito que foi alcançável devido às constantes produções de texto que foram elaboradas ao longo das semanas de intervenção.

Relativamente à disciplina de Matemática, é possível observar que ocorreu uma forte evolução na compreensão de conhecimentos envolvidos nos processos de cálculo e na compreensão das operações matemáticas que efetua. A resolução de problemas também foi um dos indicadores de avaliação que mais evoluiu.

Por fim, relativamente às competências sociais, os alunos não revelam grandes problemas. No entanto, foi possível verificar uma melhoria a nível de responsabilidade em alguns alunos.

Em suma, acreditamos que, de uma forma geral, conseguimos alcançar os objetivos gerais estabelecidos no PI.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freire (1996) refere que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática” (p. 18).

Um professor que reflete pode formar e mudar não só a relação com os seus educandos, mas também mudar a sua prática. Refletir é uma condição necessária para a existência de um amadurecimento por parte do docente.

Na verdade, a prática reflexiva tornou-se numa constante ao longo da minha intervenção, já que foi necessário pensar e refletir de forma a adequar a prática às características, às necessidades e aos interesses dos alunos. Só adequando a prática e fazendo ajustes, é que conseguimos melhorar o ambiente de ensino-aprendizagem.

Elaborei então, esta reflexão que se baseia em todo o meu percurso de intervenção pedagógica, evidenciando os pontos fortes, os constrangimentos que tive que ultrapassar e as minhas expectativas em relação à minha futura carreira profissional.

Durante a implementação do PI adquiri muitas aprendizagens. Considero que foi a experiência educativa na qual obtive mais aprendizagens e conhecimentos de todos os estágios que já realizei. Senti que evolui muito, tanto a nível pessoal como profissional.

Toda esta aprendizagem e conhecimento deve-se sobretudo ao facto da professora cooperante ter sido incansável e estar sempre pronta para me ajudar em todas as dificuldades que surgiram. Na verdade, todas as semanas, a professora cooperante referia os pontos menos positivos de forma a melhorar a minha prática. Este feedback foi essencial para conseguir melhorar.

Numa fase inicial, durante as semanas de observação, preocupei-me em conhecer os alunos. Pretendia conhecer as suas necessidades, os seus interesses, as suas características, pois tal como afirmam Resendes e Soares (2002), os alunos aprendem melhor quando os professores respeitam a individualidade dos alunos e ensinam de acordo com características individuais dos alunos.

Inicialmente, o nervosismo era imenso, principalmente por ser uma nova turma na qual eu não sabia como iria ser a minha adaptação. No entanto, facilmente conheci os alunos, devido à relação de proximidade que criámos em tão pouco tempo.

Posteriormente, na primeira semana de implementação do PI, os alunos pioraram em termos de comportamento. A professora cooperante referiu que eles

estavam a tentar perceber quais eram os limites estabelecidos por nós. A professora aconselhou a não sermos tão liberais e não permitirmos atitudes de mau comportamento em sala de aula.

No entanto, considero que o controlo da turma foi o maior constrangimento na qual tive que ultrapassar. Apesar de ao longo das semanas ter melhorado, a verdade é que por vezes avisava os alunos que se tivessem um mau comportamento, ficavam de castigo e, no fim, ninguém ficava realmente de castigo.

Apesar de ter sido a minha maior dificuldade, não considero um aspeto preocupante, pois estou convicta que com uma maior experiência, irei ganhar uma maior capacidade de controlo da turma.

Outro dos constrangimentos que surgiu nas primeiras semanas, consistiu na gestão do tempo. Inicialmente elaborava planificações que nunca as conseguia cumprir na íntegra. No entanto, considero que fui melhorando e fui reduzindo as planificações. Nas últimas semanas, consegui cumprir tudo o que tinha planificado.

Relativamente ao meu estudo “O envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos” não tive muitas oportunidades de realizar atividades na sala de aula que envolvessem os pais.

A professora cooperante considerou que não havia tempo disponível e os pais dos alunos referiam que o seu horário de trabalho não permitia ir à escola. Seria interessante e importante para o meu estudo ter elaborado mais atividades que permitissem o envolvimento dos pais em atividades de sala de aula.

Durante a implementação do PI não existiram só constrangimentos e também houve pontos positivos que considero importantes de serem revelados.

Freire (1996) afirma que o envolvimento com a prática educativa deve ser feito com alegria, de modo a criar um clima positivo no espaço pedagógico. Considero que toda a minha prática foi envolta de um clima bastante positivo e alegre. Na verdade, tal acontece, porque estava a fazer o que realmente gosto e o que quero fazer para o resto da minha vida, ser professora. Ao longo de todo o percurso, tive uma excelente relação com a professora e com os alunos. Esta excelente relação que tive, tanto com a professora como com os alunos, permitiu com que me sentisse motivada e feliz naquele contexto de estágio.

Considero também que sempre elaborei atividades que motivaram os alunos. Segundo Estanqueiro (2010), um professor deve adotar práticas pedagógicas que desperte nos alunos a motivação para aprender, pois a motivação facilita o sucesso

escolar. Lemos (2005) afirma que alunos mais motivados, esforçam-se mais e focam-se mais nas aprendizagens importantes para a sua aprendizagem. Para motivar os alunos, decidi adotar uma maior diversidade de recursos que despertasse a atenção dos alunos. Sendo assim utilizei apresentações em formato *powerpoint*, cartazes, filmes, entre outros recursos.

Considero também que ao longo da minha prática revelei responsabilidade, assiduidade e pontualidade. Penso que a existência destes componentes é fundamental na profissão de professor.

Relativamente ao tema em estudo considero que foi bastante interessante perceber as conceções dos alunos, dos pais e da docente sobre o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos. Sempre tive a plena noção da importância do envolvimento das famílias, mas ao fazer uma investigação mais profunda, percebi dos vários benefícios que pode trazer esta relação, tornando-se assim uma relação pertinente e essencial.

Tendo por base os resultados do trabalho empírico, algo que me surpreendeu, relacionou-se com as respostas dos alunos à entrevista, nomeadamente à importância que os alunos deram à presença dos pais na sua vida escolar. Surpreendeu-me devido à sua tenra idade e da resposta rápida dos alunos, mostrando que não tinham dúvidas dessa importância. Os alunos afirmaram que era muito importante para os pais saberem se estava tudo a correr bem com os filhos e se eles estavam com dificuldades na escola.

Por fim, considero que esta experiência revelou-se muito importante para o meu percurso académico, permitindo que evoluísse e crescesse como pessoa e como futura profissional. Sinto que aprendi imenso e que me tornei uma pessoa mais segura nas intervenções que farei futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P. (1988). *Um (bom) problema (não) é (só)...* Educação Matemática, 8, pp.7- 10 e 35
- Almeida, F. (2002). *Supervisão, Avaliação e Educação Especial*. Viseu: Edições esgotadas.
- Bogdan R., Biklen S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Cochito, M. *Cooperação e aprendizagem: educação intercultural*. Lisboa: ACIME.
- Ferreira, C. A. (2007). *A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Davies, D., Fernandes, J., Soares, J., Lourenço, L., Costa, L., Villas-Boas, M., ... & Lima, R. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal realidade e perspetivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Davies, D. Marques, R., & Silva, P. (1993). *Os Professores e as Famílias: a colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Diez, J. (1989). *Família-escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora.
- Escola H. (2014). *Projeto Curricular*. Lisboa.
- Escola H. (2014). *Projeto Educativo*. Lisboa.
- Escola H. (2014). *Regulamento Interno*. Lisboa.
- Estanqueiro, A. *Boas práticas na Educação: o papel do professor*. Barcarena: Editorial Presença.
- Estrela, A. (1990) *Teoria e Prática de Observação de Classes: uma estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- Freire, P. (2011) *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra
- Gervilla , A. (2008). *Família e Educación Familiar*. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.

- Lemos, M. S. (2005). *Motivação e aprendizagem*. In A. Simão, C. Sousa, F., Marques, G. Miranda, I. Freire, I. Menezes, et al., *Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Lisboa: Rel.
- Lima, J. (2002). *Pais e Professores, um desafio à cooperação*. Porto: Edições Asa.
- Machado, f. (2011) *A participação dos pais na escola: o caso de jardins-de-infância da misericórdia da Maia*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Educação e Trabalho, Porto.
- Ministério da Educação (2004) *Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação (2007). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- McIntosh, A., Reys, B. J., & Reys, R. E. (1992). *A proposed framework for examining basic number sense. For the Learning of Mathematics*, 12(3), 2-8. British Columbia: Canada
- Niza, S. (1998). *Organização social do trabalho de aprendizagem no 1º CEB*, *Inovação*, 11, 1998.
- Niza. I., Segura, J., Mota, I. (2011). *Escrita - Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (p. 14)
- Noteboom, A., Bokhove, J. & Nelissen, J. (2008). *Glossary Part I. In M. van den Heuvel-Panhuizen (Ed.), Children Learn Mathematics: A Learning-Teaching Trajectory with Intermediate Attainment Targets for Calculation with Whole Numbers in Primary School*. Netherlands: Sense Publishers.(Obra original publicada em 2001)
- Nunes, T. (2004) *Colaboração escola família para uma escola culturalmente heterogénea*. Lisboa: Editorial Presença.
- Resendes , L. e Soares J. (2002) *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta
- Perrenoud, P. (2000). *Dez Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Silva, P. (1993), *A ação educativa: um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos*. In Os professores e as famílias – Colaboração Possível, Lisboa: Livros Horizonte.

Silva, P. (2001) *Interface escola-família, um olhar sociológico. Um estudo etnográfico no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Universidade do Porto.

Sim - Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa Livros Horizonte.

Legislação:

Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de junho

Decreto-Lei n.º 79/2014, de 14 de maio.

Decreto-Lei nº769-A/76 de 23 de outubro.

ANEXOS

Anexo A. Cartazes e trabalhos expostos na sala de aula

Cartazes e trabalhos expostos na sala de aula



Figura A1. Área da Expressão Plástica.



Figura A2. Área do Estudo do Meio.



Figura A3. Área da Matemática.



Figura A4. Área da Língua Portuguesa.

Anexo B. Cartaz com regras de sala de aula

Cartaz com regras de sala de aula



Figura B1. Cartaz afixado com as regras de sala de aula.

Anexo C. Calendário com os aniversários dos alunos

Calendário com os aniversários dos alunos



Figura C1. Cartaz com os aniversários dos alunos da turma.

Anexo D. Área destinada ao Conselho de Turma

Área destinada ao Conselho de Turma.

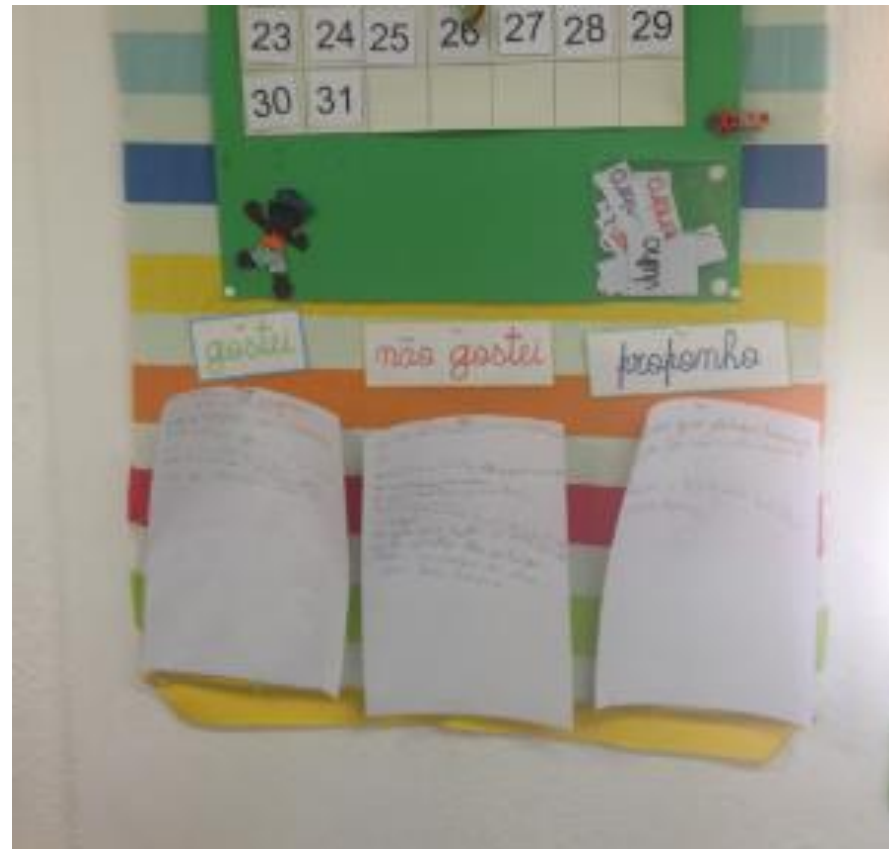


Figura D1. Área destinada ao Conselho de Turma.

Anexo E. Biblioteca da sala de aula

Biblioteca da sala de aula.



*Figura E1.*Biblioteca da sala de aula.

Anexo F. Trabalhos do projeto “A profissão dos meus pais”

Trabalhos do projeto “A profissão dos meus pais”



Figura F1. Trabalhos do projeto “A profissão dos meus pais”.

Anexo G. Questionário de interesses aos alunos

Questionário de interesses aos alunos

Nome:	
1. Na escola gosto mais de... (Assinala com um X a opção que escolheres)	
<input type="checkbox"/> Matemática <input type="checkbox"/> Língua Portuguesa <input type="checkbox"/> Estudo do Meio <input type="checkbox"/> Expressão Plástica	<input type="checkbox"/> Música <input type="checkbox"/> Educação Física <input type="checkbox"/> Teatro
2. Quando tenho tempo livre na sala gosto de ... (Assinala com um X a opção que escolheres)	
<input type="checkbox"/> Ler livros <input type="checkbox"/> Jogar jogos	<input type="checkbox"/> Fazer desenhos <input type="checkbox"/> Estudar
3. Quando estou em casa gosto de ... (Assinala com um X a opção que escolheres)	
<input type="checkbox"/> Ver televisão <input type="checkbox"/> Ouvir música <input type="checkbox"/> Fazer os trabalhos de casa <input type="checkbox"/> Ler livros de histórias	<input type="checkbox"/> Conversar com a família <input type="checkbox"/> Brincar <input type="checkbox"/> Jogar computador <input type="checkbox"/> Jogar jogos de tabuleiro
4. O que mais gostas de fazer no recreio?	
5. Qual ou quais os temas que mais gostas de trabalhar na sala de aula?	
6. Qual ou quais os temas que gostarias de aprender na sala de aula?	

7. Ordena de 1 a 7 as seguintes atividades por ordem de preferência. A que mais gostas colocas o número 1 e a que menos gostas coloca o número 7.	
<input type="checkbox"/> Escrever textos <input type="checkbox"/> Ler <input type="checkbox"/> Fazer desporto ao ar livre <input type="checkbox"/> Fazer experiências	<input type="checkbox"/> Resolver problemas matemáticos <input type="checkbox"/> Desenhar/Pintar <input type="checkbox"/> Descobrir novas coisas

Anexo H. Análise das respostas dos alunos ao questionário de interesses

Análise das respostas dos alunos ao questionário de interesses



Figura H1. Análise da pergunta 1.



Figura H2. Análise da pergunta 2.

Nota: Dados recolhidos no questionário e analisados em Excel

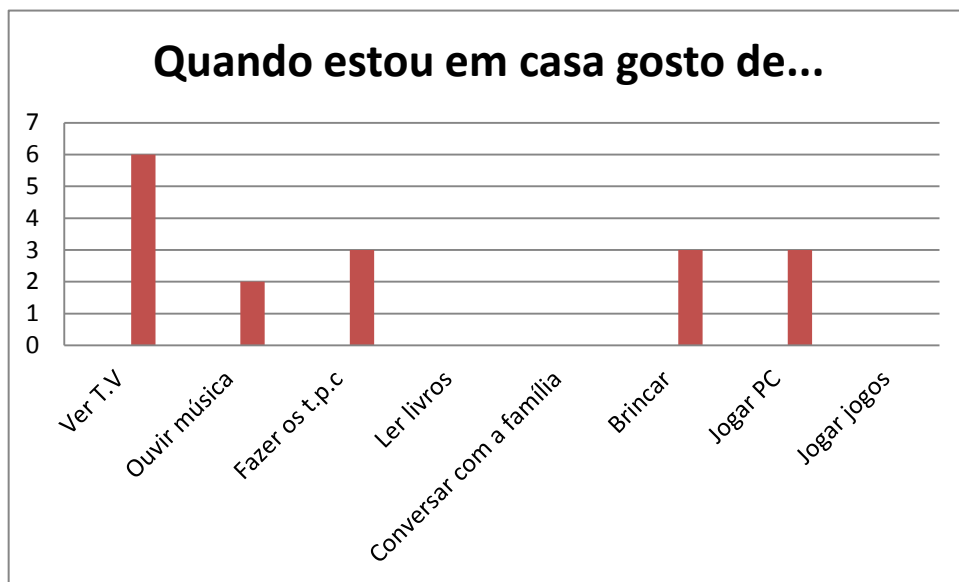


Figura H3. Análise da pergunta 3.



Figura H4. Análise de pergunta 4.

Nota: Dados recolhidos no questionário e analisados em Excel



Figura H5. Análise de pergunta 5.

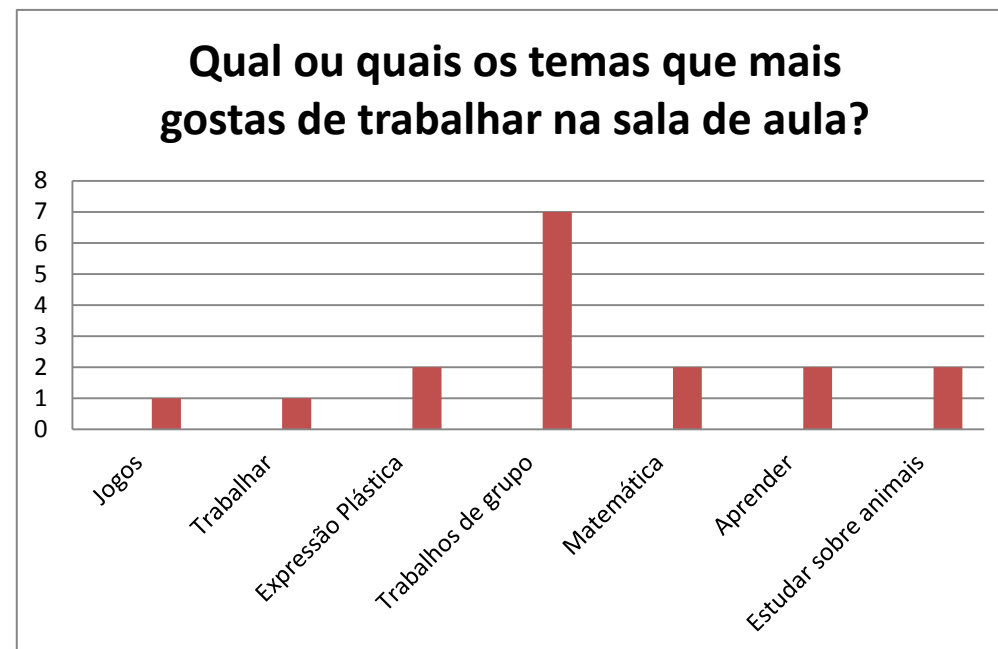


Figura H6. Análise de pergunta 6.

Nota: Dados recolhidos no questionário e analisados em Excel

Anexo I. Horário da turma

Tabela I1.

Horário da turma

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
8h45 9h30	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
8h30 10h15	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
10h15 10h45					
10h45 11h30	Matemática	Expressão e Educação Musical	Matemática	Expressão e Educação Musical	Matemática
11h30 12h15	Matemática	Expressão e Educação Físico-Motora	Inglês	Língua Portuguesa	Matemática
12h15 13h00					
13h00 14h00					
14h00 14h45	Estudo do Meio	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Formação Cívica
14h45 15h30	Estudo do Meio	Expressões Artísticas	Língua Portuguesa	Matemática	Inglês
15h30 16h15	Estudo Acompanhado	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressão e Educação Físico-Motora

Nota: autoria própria

Anexo J. Guião de entrevista à docente

Guião de entrevista à docente

Entrevistado: _____

Data: ____/____/____

Local: _____

No âmbito de um estudo relativo ao relatório pedido na Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II, integrado no Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, pretende-se conhecer, através desta breve entrevista, a opinião do docente sobre o envolvimento familiar nas atividades escolares.

Objetivos gerais da entrevista:

- Conhecer a perceção da docente acerca do envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos.
- Conhecer as práticas existentes do envolvimento familiar na vida escolar.
- Conhecer os processos de cooperação entre a docente e as famílias dos alunos.

Tema: Envolvimento familiar nas atividades escolares		
Blocos	Objetivos específicos	Questões
Apresentação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Agradecer a disponibilidade.- Garantir que o seu nome não será identificado na entrevista.- Apresentar os objetivos da entrevista.	
Experiência profissional da docente	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o percurso profissional da docente	<ul style="list-style-type: none">- Há quanto tempo lecciona nesta escola?- Há quanto tempo lecciona neste ciclo de ensino?- Neste nível de ensino, qual o ano de escolaridade que lhe agrada mais lecionar?- Existe algum aspeto que

		queira realçar acerca do seu percurso profissional?
Concepções da docente sobre a participação dos pais	- Conhecer a opinião do docente sobre a articulação entre escola e família.	- Qual a sua opinião sobre a articulação entre a família e a escola? - Considera importante a participação dos pais nas atividades da turma? - Quais são os entraves que considera existirem na relação escola-família? - Qual a sua percepção acerca da participação das famílias nesta escola? - Qual a sua percepção sobre o envolvimento da família na vida escolar dos seus educandos?
Práticas existentes	- Conhecer as experiências que já ocorreram na turma e que permitiram a articulação do professor com as famílias.	- Partindo da sua experiência atual, como é que se concretiza o envolvimento das famílias nas atividades escolares? - Em que momentos/atividades considera relevante este envolvimento? - Com que frequência existem reuniões de encarregados de educação? - Que meios de comunicação utiliza para comunicar com as famílias dos seus alunos? - Nos trabalhos de casa, que tipos de apoio os pais dão aos filhos?
Processos de cooperação	- Conhecer as estratégias criadas pela docente para promover o envolvimento	- Quais as estratégias que considera adequadas por parte dos docentes para

	familiar.	promoverem o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos?
Conclusão da entrevista	- Agradecer a colaboração -Finalizar a entrevista perguntando se quer acrescentar mais alguma informação.	- Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Nota: autoria própria

Anexo K. Respostas da docente à entrevista

Respostas da docente à entrevista

Entrevistado: Docente responsável pela turma

Data: 22 de abril de 2015

Local: Biblioteca

Antes de iniciar a entrevista, o entrevistador agradeceu a disponibilidade da docente, garantiu o anonimato e apresentou os objetivos da entrevista.

Entrevistador: Há quanto tempo leciona nesta escola?

Docente: Há 6 anos.

E: Há quanto tempo leciona neste ciclo de ensino?

D: Neste ciclo de ensino... Portanto, há nove anos. Este é o nono ano.

E: Neste nível de ensino, qual o ano de escolaridade que lhe agrada mais lecionar?

D: Fico na dúvida entre o 2º ano e o 3º. O 2º ano porque eles já são mais autônomos, já aprenderam a ler e já não são tão bebezinhos, já não precisam que a toda a hora estejamos ali. E 3º ano porque é um ano exigente.

E: Existe algum aspeto que queira realçar acerca do seu percurso profissional?

D: Só que no início, no meu primeiro ano de serviço, tive o primeiro e o segundo ano na mesma turma, o que foi muito trabalhoso mas ao mesmo tempo deu-me muita experiência. Num ano acho que adquiri a experiência de três anos.

E: Qual a sua opinião sobre a articulação entre a família e a escola?

D: Acho que é muito importante mesmo para os miúdos, a relação que eles estabelecem com a professora. Porque vendo que os pais têm um bom relacionamento e que estão presentes na escola, eles também se empenham mais.

E: Considera importante a participação dos pais nas atividades da turma?

D: Sim, sim.

E: Quais são os entraves que considera existirem na relação escola-família?

D: A profissão dos pais, às vezes. Não terem tempo disponível, os patrões não disponibilizarem horas para virem à escola, estarem um bocadinho com os filhos na sala de aula. E às vezes os programas serem muito extensos, não dá para fazer tantas atividades como gostaríamos.

E: Qual a sua percepção acerca da participação das famílias nesta escola?

D: Muito positiva. Aderem muito a todas as atividades.

E: Qual a sua percepção sobre o envolvimento da família na vida escolar dos seus educandos?

D: A grande maioria é muito, muito empenhada e estão muito presentes. Tirando um ou dois mas o resto, em 21, 18 são muito empenhados.

E: Partindo da sua experiência atual, como é que se concretiza o envolvimento das famílias nas atividades escolares?

D: Chamando à escola. Como não há muita disponibilidade em dias festivos, nem que seja a participar, a fazer atividades com os filhos. Penso que será a maneira mais fácil e melhor.

E: Em que momentos/atividades considera relevante este envolvimento?

D: Já disse, em dias festivos.

E: Com que frequência existem reuniões de encarregados de educação?

D: É assim, de geral, do grupo inteiro, quando é para entregar as avaliações. Portanto, existe uma por período. E depois individuais, por período, tenho cerca de quatro reuniões individuais, normalmente metade são convocadas pelos pais, metade são convocadas por mim. Normalmente só convoco se os alunos realmente estão com grandes dificuldades e que não estão a superar ou quando o comportamento não está a ser o melhor.

E: Que meios de comunicação utiliza para comunicar com as famílias dos seus alunos?

D: Uso muito o telefone, ligo diretamente para os pais. Uso o e-mail e acabo por usar pouco a caderneta, só mesmo nos recados de reuniões ou visitas de estudo.

E: Nos trabalhos de casa, que tipos de apoio os pais dão aos filhos?

D: Ajudam bastante. Alguns até ajudam demais. Mais valia terem dificuldades e deixarem por fazer para eu me aperceber melhor no que tiveram dificuldades. Mas eles gostam que os filhos tragam os trabalhos de casa todos certinhos.

E: Quais as estratégias que considera adequadas por parte dos docentes para promoverem o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos?

D: Chamarem algumas vezes os pais. Aqui na escola não acontece muito mas às vezes há professores que têm receio de trazer os pais a escola, seja para fazer o que for. Quase que barram a entrada dos pais. Mas isso não é positivo nem para os pais, nem para os próprios alunos, nem para os alunos. Mas percebo que haja escolas em que seja complicado.

E: Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

D: Não.

Anexo L. Guião de entrevista aos alunos

Guião de entrevista aos alunos

No âmbito de um estudo relativo ao relatório pedido na Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II, integrado no curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, pretende-se conhecer, através desta breve entrevista, as concepções dos alunos sobre a participação dos pais na vida escolar dos seus educandos.

Objetivos gerais da entrevista:

- Conhecer as concepções dos alunos sobre a participação dos pais.
- Conhecer a percepção dos alunos acerca do envolvimento dos pais na sua vida escolar
- Conhecer as práticas existentes que os alunos conhecem sobre o envolvimento familiar na vida escolar.

Tema: Concepções da participação dos pais		
Blocos	Objetivos específicos	Questões
Apresentação da entrevista	- Explicar aos alunos como irá se proceder a entrevista	
Concepções dos alunos sobre a participação dos pais	- Conhecer as concepções dos alunos sobre a articulação entre escola e família.	O que acham que é a participação dos pais na escola? Acham importante a participação dos pais nas atividades da escola?
Práticas existentes	- Conhecer as experiências que já ocorreram na turma e que permitiram a articulação do	Os vossos pais participam nas atividades quando são convidados? Em quê?

	professor com as famílias.	Como participam? Os vossos pais ajudam-vos nos trabalhos de casa?
Conclusão da entrevista	Agradecer a colaboração	

Anexo M. Respostas dos alunos à entrevista

Respostas dos alunos à entrevista

Concepções da participação dos pais

No âmbito de um estudo relativo ao relatório pedido na Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II, integrado no curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, pretende-se conhecer, através desta breve entrevista, as concepções dos alunos sobre a participação dos pais na vida escolar dos seus educandos.

Objetivos gerais da entrevista:

- Conhecer as concepções dos alunos sobre a participação dos pais.
- Conhecer a percepção dos alunos acerca do envolvimento dos pais na sua vida escolar
- Conhecer as práticas existentes que os alunos conhecem sobre o envolvimento familiar na vida escolar.

O questionário foi respondido por 6 alunos (5 raparigas e 1 rapaz).

Para que não originasse muito confusão, antes de iniciar o questionário, o entrevistador pediu aos alunos para colocarem o dedo no ar quando quisessem responder e que esperassem para que o entrevistador desse a permissão para falar.

Entrevistador: O que acham que é a participação dos pais na escola?

Entrevistador: Diz L.

L.: É quando os pais participam numa atividade da escola.

(ocorre alguma hesitação por parte dos alunos)

Entrevistador: Quem tem mais opiniões? Diz J.

J.: É quando os pais estão a ajudar a escola.

Entrevistador: B.

B.: Que os pais vêm falar com a professora

Entrevistador: I.

I.: Quando os pais vão às reuniões.

Entrevistador: Vocês as duas? Têm alguma opinião?

(ocorre alguma hesitação por parte dos alunos).

Entrevistador: Se eu disser que os vossos pais participam muito na escola. O que acham que isso significa?

M.: Vão à escola perceber o que se está a passar com os filhos.

Entrevistador: Diz L.

L.: Que os pais vão ter com a C. saber o que nós andamos a aprender e as nossas notas.

Entrevistador: I.

I.: Vão à sala para saber o nosso comportamento, se é bom ou mau.

Entrevistador: Tens alguma opinião F.?

F.: Não.

M.: Acho que já lhe tirámos todas as ideias!

Entrevistador: Acham importante a participação dos pais nas atividades da escola?

M.: Sim, para eles saberem como nós estamos.

Entrevistador: Diz I.

I.: Sim, para saberem coisas sobre a escola e sobre nós.

Entrevistador: Diz L.

L.: Sim, para verem se nos estão a tratar bem ou mal e se nós também tratamos bem os nossos colegas e a professora ou se nos portamos mal.

Entrevistador: F.? Achas importante?

(alguma hesitação por parte da aluna)

F.: Sim, os pais vêm ver se nós estamos com dificuldades a fazer as coisas e se nós estamos.... (alguma hesitação) a portar bem.

Entrevistador: B.

B.: Sim, porque.... (alguma hesitação). Sim, acho importante porque às vezes nós podemos estar a fazer muitas coisas de mal ou a portar mal e os pais tem que saber se estamos a portar bem ou mal.

Entrevistador: J.

J.: Sim porque assim os pais ajudam a perceber, ai! Se nos tratam bem ou se nos tratam mal.

Entrevistador: Os vossos pais participam nas atividades quando são convidados? Em quê? Como participam?

Entrevistador: Sim F.

(alguma hesitação por parte de aluna)

F.: Participam nas reuniões

Entrevistador: Mais alguma coisa que te lembres?

F.: Não...

Entrevistador: Diz L.

L.: A minha mãe já participou na palestra do 2º ano que explicava como fazia o seu trabalho e o meu pai já leu uma história no 1º ano.

Entrevistador: Diz M.

M.: Sim já foram, já participaram em jogos que são de pais e filhos e nas reuniões e já contaram uma história e a sua profissão.

Entrevistador: Diz I.

I.: O meu pai já participou num jogo de futebol (a aluna fica pensativa durante uns segundos) e a minha mãe e o meu pai já leram uma história.

Entrevistador: Diz J.

J.: Sim quando são mais feiras de comida e isso, os meus pais tratam sempre, tratam sempre de levar alguma coisa, doces, bifes, batatas fritas. (o aluno esboça um grande sorriso ao contar este facto)

Entrevistador: Ninguém quer dizer mais nada.

L.: Não...

Entrevistador: Os vossos pais ajudam-vos nos trabalhos de casa?

Entrevistador: Diz M.

M. - Sim mas eles dizem-me sempre para fazer aquilo que consigo e as coisas que não conseguir fazer peço a eles.

Entrevistador: L.

L.: O meu pai às vezes é um bocadinho... é um bocadinho mau. Diz sempre que está tudo mal e depois está tudo certo! Depois ele zanga-se comigo e isso. E o meu irmão às vezes também se zanga com a minha mãe por causa dos meus trabalhos de casa. O meu irmão diz que está mal e a minha mãe diz que está bem.

Entrevistador: Mas eles ajudam-te?

L.: Não! Passam a vida no quarto a discutir e eu nunca esclareço nada! (a aluna demonstra-se revoltada)

Entrevistador: Diz I.

L.: Os meus pais dizem sempre assim "faz tudo e depois nós vemos se está bem e e... esclarecemos-te as dúvidas."

Entrevistador: Diz J.

J.: Na sala de estudo... (alguma hesitação) a minha professora corrige e depois em casa a minha mãe vê outra vez para ver se a professora não deixou escapar algum erro.

Entrevistador: B.

B.: Normalmente, a minha mãe ajudava-me no 1º ano mas agora a minha mãe diz que é trabalhos de casa por isso quando eu faço em casa, a minha mãe diz que é para fazer sozinha e depois na escola é que a professora corrige.

Entrevistador: F.

F.: O meu pai senta-se sempre ao meu lado e quando eu tenho dúvidas pergunto e esclareço as coisas.

Entrevistador: M.

M.: Às vezes é os meus pais e às vezes também é o meu irmão quando os meus pais não estão lá.

Entrevistador: F.

F.: Quando os meus pais ou a minha empregada não percebem, a minha irmã como já passou mas foi há pouco tempo ajuda-me e explica à minha empregada para eu perceber as coisas.

Entrevistador: Ninguém quer dizer mais nada?

L.: Eu quero perguntar uma coisa mas não tem nada a ver!

Entrevistador: Diz L.

L.: Isto vai ser mostrado aos pais?

Entrevistador: Não L., não vai. Querem dizer mais alguma coisa?

J.: Não....

Anexo N. Inquérito por questionário realizado aos pais e encarregados de educação

Questionário aos pais e encarregados de educação

Excelentíssimo Sr.(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito de um estudo integrado no estágio que estou a realizar no Centro Helen Keller para a conclusão do curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, venho solicitar a sua indispensável colaboração através do preenchimento do presente questionário com os seguintes objetivos:

- Conhecer as concepções dos pais e encarregados de educação sobre o envolvimento familiar nas atividades escolares.
- Conhecer a participação das famílias na vida escolar dos alunos.

Os dados recolhidos manter-se-ão confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados. Este questionário encontra-se ativo até ao próximo dia 19 de maio.

Agradeço desde já a vossa compreensão e colaboração.

Carina Pinhão

Entrevistado(a)

Grau de parentesco com o aluno:

Pai Mãe Avó Avô Outro. Qual? _____

Idade:

[20, 30[[30, 40[[40, 50[[50, 60[[60, 70[[70, 80[[80, 90]

Habilitação académica:

Ensino Básico Ensino Secundário Licenciatura Mestrado Doutoramento Outra. Qual? _____.

Profissão do entrevistado(a): _____

1- Qual dos seguintes aspetos considera mais importante? (escolha apenas um aspeto)	
Envolvimento familiar na vida escolar do aluno.	
Participação dos pais nas atividades propostas pela docente.	
Existência de uma boa relação entre pais e professores.	

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Irrelevante
2- Que grau de importância atribui à participação dos pais na vida escolar do seu educando?				

3- Em que medida considera relevante o contributo do envolvimento dos pais para os seguintes aspetos?	Muito relevante	Relevante	Indiferente	Pouco relevante	Nada relevante
Maior conhecimento por parte dos pais acerca do percurso escolar do aluno.					
Maior conhecimento por parte do docente acerca do aluno.					
Melhores resultados escolares.					
Melhor empenho do professor.					
Melhor empenho dos alunos.					

4- Quanto à participação dos pais na escola e na vida escolar dos seus educandos, indique as duas situações que considera serem mais significativas. P.F. Indique apenas duas situações.	
Reuniões com a professora do seu educando.	
Reuniões de pais e encarregados de educação.	
Atividades realizadas em sala de aula com os alunos.	
Trabalhos de casa.	
Festas realizadas pela escola.	
Outra. Qual? _____	

	Sim	Não
5- É ou já foi membro de alguma Associação de Pais e Encarregados de Educação?		

	Sim	Não
6- É ou já foi membro de algum órgão de gestão do agrupamento de escolas? (Conselho Pedagógico; Conselho Geral)		

Responda às seguintes questões:	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
7- Participa em eventos criados pela Associação de Pais?				
8- Participa em eventos criados pela escola?				
9- Participa em eventos criados pela professora do seu educando?				

	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
10- Ajuda o seu filho nos trabalhos de casa?				

11- Quando não ajuda o seu filho, é porque...	
São demasiados trabalhos.	
O seu horário de trabalho não permite.	
Não se sente capaz academicamente.	
Outras razões. Quais?	

12- Para que tipo de atividades é solicitada a sua participação?	
Festas de fim de período.	
Atividades na sala de aula.	
Reuniões escolares.	
Outra. Qual? _____.	

13- Quando não participa nas atividades propostas pela escola é porque...	
O seu horário de trabalho não permite.	
Considera estas atividades desnecessárias.	
Não é informado.	
Outra razão. Qual? _____.	

14- Em que tipo de atividades entende que seria mais importante a sua participação?	Sim	Não	Por vezes
Festa de fim de período.			
Atividades na sala de aula.			
Reuniões escolares.			
Outra. Qual? _____.			

15- Neste espaço poderá referir, de forma livre, tudo o que achar importante.

Anexo O. Inquérito por questionário *online* realizado aos pais e encarregados de educação

Questionário *online* aos pais e encarregados de educação



Questionário aos pais e encarregados de educação

Excelentíssimo Sr.(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito de um estudo integrado no estágio que estou a realizar no Centro Helen Keller para a conclusão do curso de Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, venho solicitar a sua indispensável colaboração através do preenchimento do presente questionário com os seguintes objetivos:

- Conhecer as concepções dos pais e encarregados de educação sobre o envolvimento familiar nas atividades escolares.
- Conhecer a participação das famílias na vida escolar dos alunos.

Os dados recolhidos manter-se-ão confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados.

Este questionário encontra-se ativo até ao próximo dia 19 de maio.

Agradeço desde já a vossa compreensão e colaboração.

Carina Pinhão

*Obrigatório

Grau de parentesco com o aluno: *

- Pai
- Mãe
- Avô
- Avó
- Outra:

Idade do entrevistado *

- [20, 30[
- [30, 40[
- [40, 50[
- [50, 60[
- [60, 70[
- [70, 80[
- [80, 90[

Habilitação académica: *

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outra:

Profissão do entrevistado *

1- Qual dos seguintes aspetos considera mais importante? *

Escolha apenas um aspeto.

- Participação dos pais nas atividades propostas pela docente.
- Existência de uma boa relação entre pais e professores.
- Envolvimento familiar na vida escolar do aluno.

2- Que grau de importância atribui à participação dos pais na vida escolar do seu educando? *

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Irrelevante

3- Em que medida considera relevante o contributo do envolvimento dos pais para os seguintes aspetos? *

	Muito relevante	Relevante	Indiferente	Pouco relevante	Nada relevante
Maior conhecimento por parte dos pais acerca do percurso escolar do aluno	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Maior conhecimento por parte do docente acerca do aluno	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Melhores resultados escolares	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Melhor empenho do professor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Melhor empenho do alunos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4- Quanto à participação dos pais na escola e na vida escolar dos seus educandos, indique as duas situações que considera serem mais significativas *

P.f. indique apenas duas situações

- Reuniões com a professora do seu educando
- Reuniões de pais e encarregados de educação
- Atividades realizadas em sala de aula com os alunos
- Trabalhos de casa
- Festas realizadas pela escola
- Outra:

5- É ou já foi membro de alguma Associação de Pais e Encarregados de Educação? *

- Sim
- Não

6- É ou já foi membro de algum órgão de gestão do agrupamento de escolas? (Conselho Pedagógico; Conselho Geral) *

- Sim
- Não

7- Participa em eventos criados pela Associação de Pais? *

- Sempre
- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

8- Participa em eventos criados pela escola? *

- Sempre
- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

9- Participa em eventos criados pelo(a) professor(a) do seu educando? *

- Sempre
- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

10- Ajuda o seu filho nos trabalhos de casa? *

- Sempre
- Frequentemente
- Raramente
- Nunca

11- Quando não ajuda o seu filho é porque... *

- São demasiados trabalhos
- O seu horário de trabalho não permite
- Não se sente capaz academicamente
- Outra:

12- Para que tipo de atividades é solicitada a sua participação? *

- Festas de fim de período
- Atividades na sala de aula
- Reuniões escolares
- Outra:

13- Quando não participa nas atividades propostas pela escola é porque... *

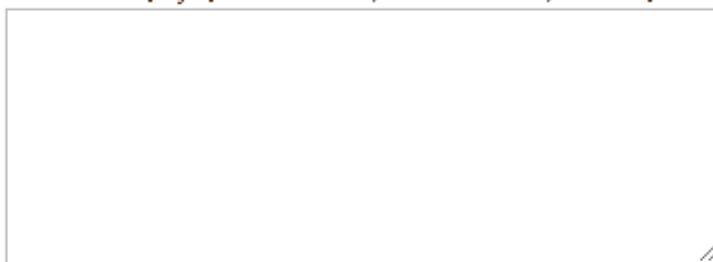
- O seu horário não permite
- Considera estas atividades desnecessárias
- Não é informado
- Outra:

14- Em que tipo de atividades entende que seria mais importante a sua participação? *

Assinale apenas uma opção.

- Festas de fim de período
- Atividades na sala de aula
- Reuniões escolares
- Outra:

15- Neste espaço poderá referir, de forma livre, tudo o que achar importante.



Enviar

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

100%: terminou.

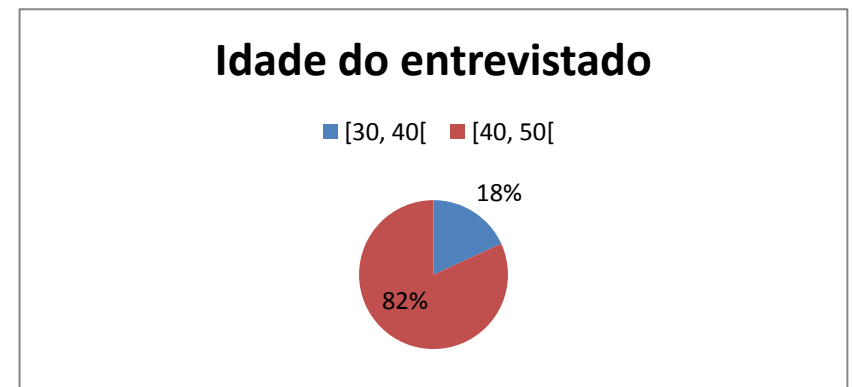
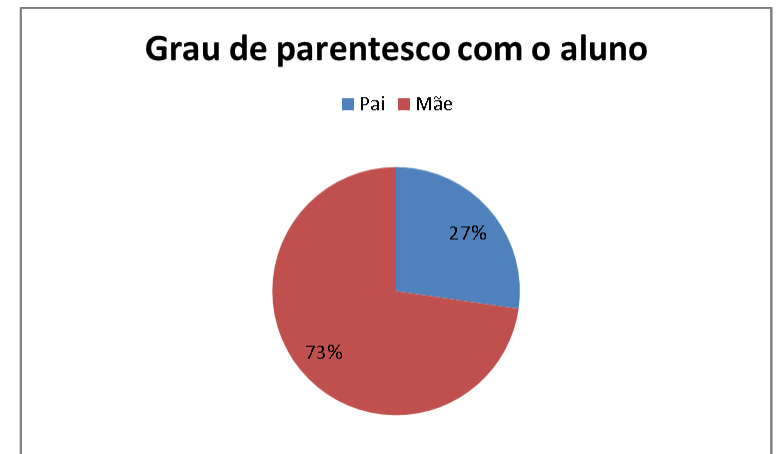
Anexo P. Análise dos dados recolhidos no inquérito por questionário realizado aos pais e encarregados de educação

Análise das Respostas dos pais e encarregados de educação ao questionário

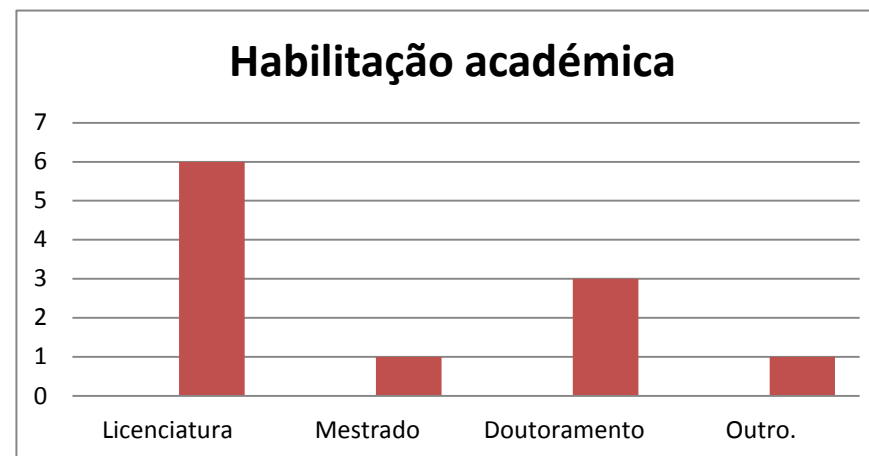
Caracterização dos participantes

Grau de parentesco com o aluno	
Pai	3
Mãe	8

Idade do entrevistado	
[30, 40[2
[40, 50[9



Habilitação académica	
Licenciatura	6
Mestrado	1
Doutoramento	3
Outro	1 (Bacharelato)



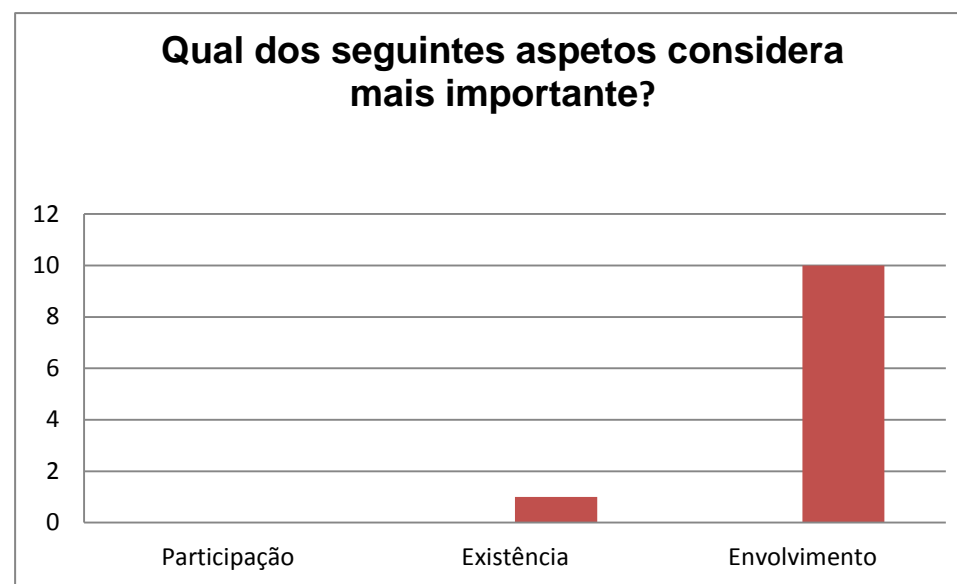
Profissão do entrevistado	
Professora	1
Jornalista	1
Consultor	1
Diretora de Marketing e Comunicação	1
Investigador	1
Assistente de direção	1
Advogada	1
Químico – diretor	1
Técnica de biblioteca	1
Arquiteta	1

Eng. Químico	1
--------------	---

Concepções sobre o envolvimento familiar na vida escolar dos alunos

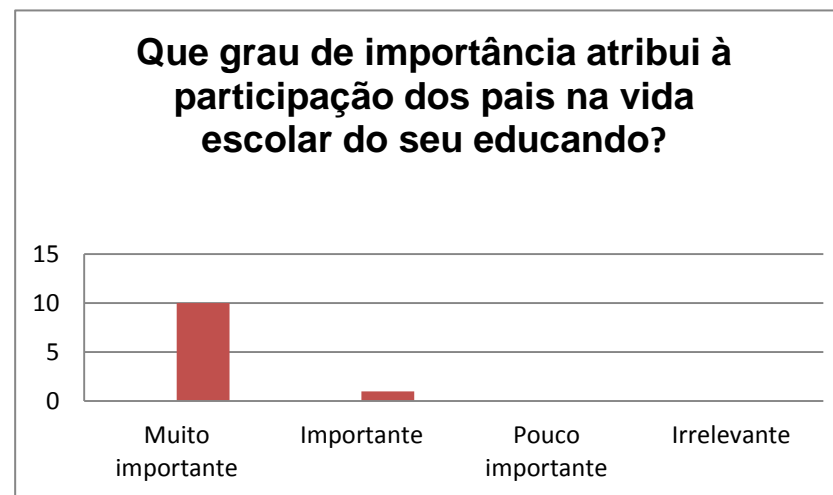
1- Qual dos seguintes aspetos considera mais importante?

Participação dos pais nas atividades propostas pela docente	0
Existência de uma boa relação entre pais e professores	1
Envolvimento familiar na vida escolar do aluno	10



2- Que grau de importância atribui à participação dos pais na vida escolar do seu educando?

Muito importante	10
Importante	1
Pouco importante	0
Irrelevante	0

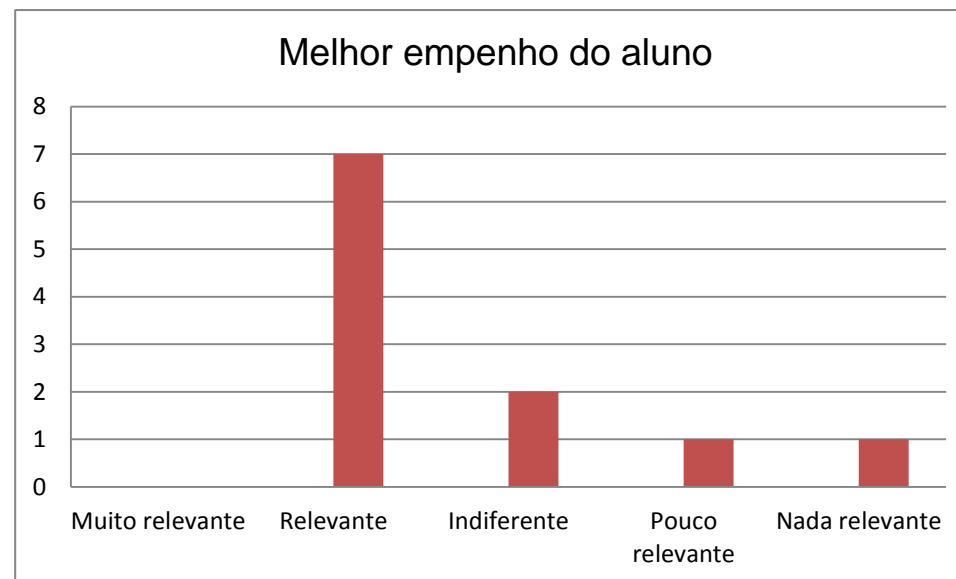


3- Em que medida considera relevante o contributo do envolvimento dos pais para os seguintes aspetos?

Melhores resultados escolares	
Muito relevante	4
Relevante	2
Indiferente	3
Pouco relevante	0
Nada relevante	2



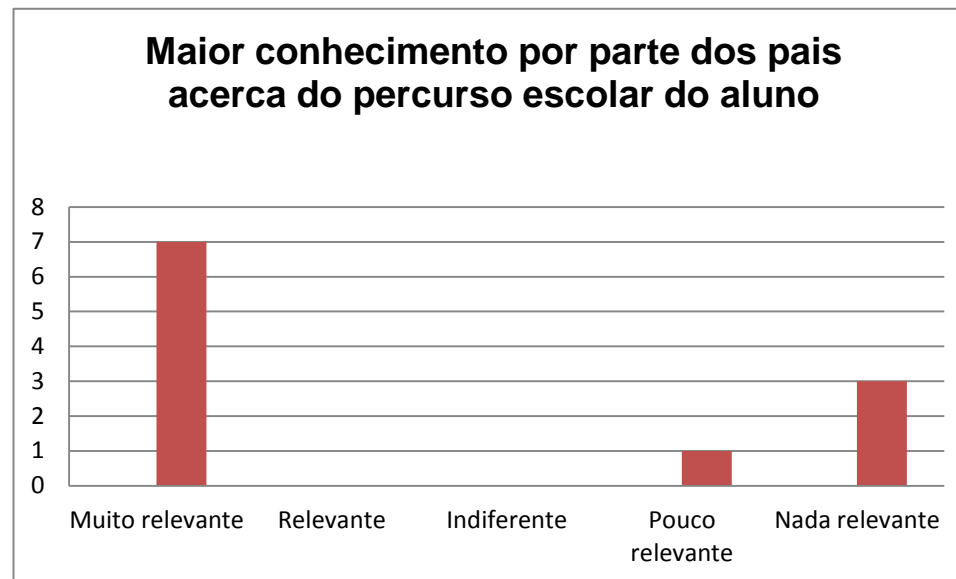
Melhor empenho do aluno	
Muito relevante	0
Relevante	7
Indiferente	2
Pouco relevante	1
Nada relevante	1



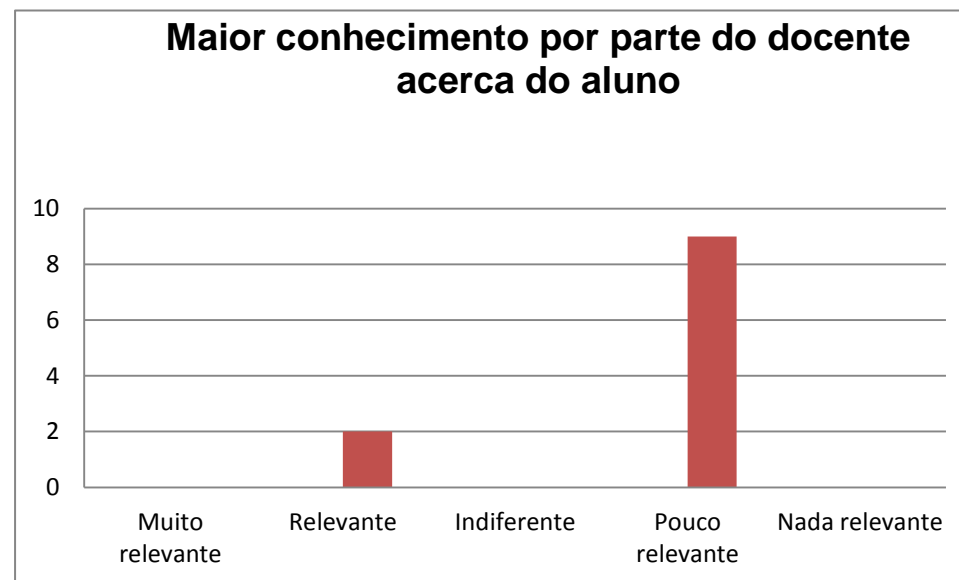
Melhor empenho do professor	
Muito relevante	0
Relevante	0
Indiferente	6
Pouco relevante	0
Nada relevante	5



Maior conhecimento por parte dos pais acerca do percurso escolar do aluno	
Muito relevante	7
Relevante	0
Indiferente	0
Pouco relevante	1
Nada relevante	3

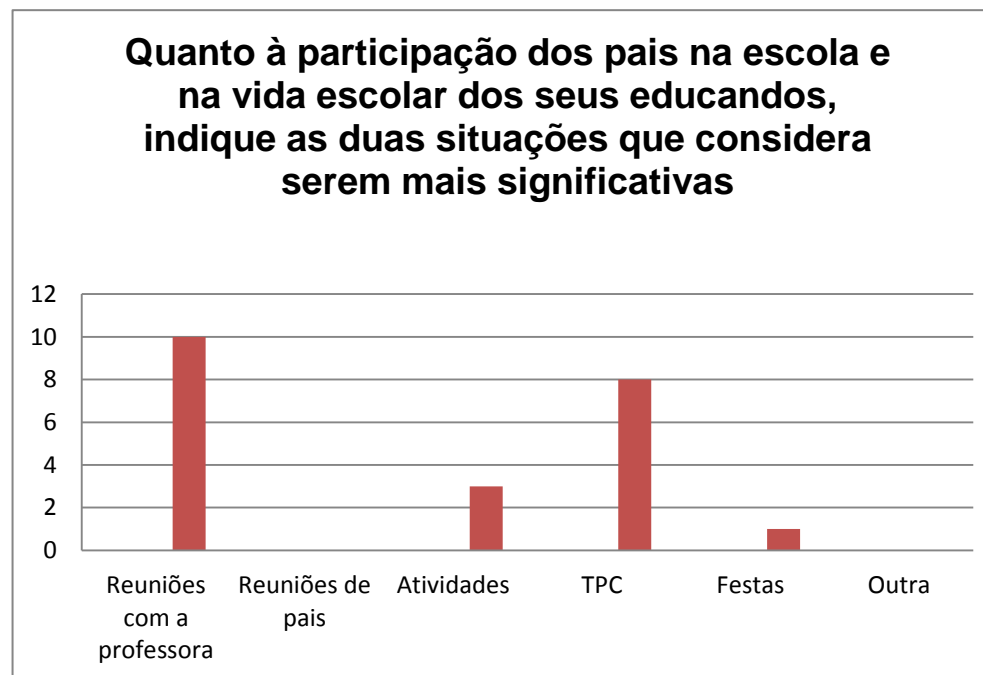


Maior conhecimento por parte do docente acerca do aluno	
Muito relevante	0
Relevante	2
Indiferente	0
Pouco relevante	9
Nada relevante	0



4- Quanto à participação dos pais na escola e na vida escolar dos seus educandos, indique as duas situações que considera serem mais significativas.

Reuniões com a professora do seu educando.	10
Reuniões de pais e encarregados de educação.	0
Atividades realizadas em sala de aula com os alunos.	3
Trabalhos de casa.	8
Festas realizadas pela escola.	1
Outra	0

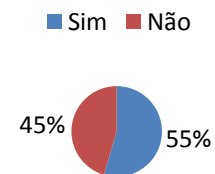


Participação das famílias na vida escolar dos alunos

5- É ou já foi membro de alguma Associação de Pais e Encarregados de Educação?

Sim	6
Não	5

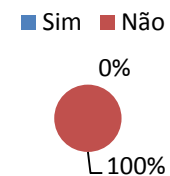
É ou já foi membro de alguma Associação de Pais e Encarregados de Educação?



6- É ou já foi membro de algum órgão de gestão do agrupamento de escolas? (Conselho Pedagógico; Conselho Geral)

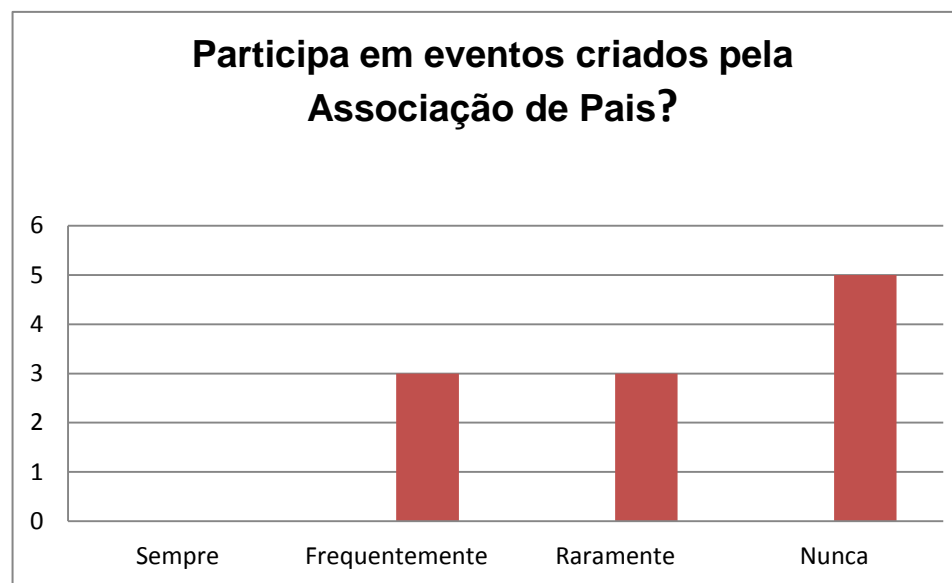
Sim	0
Não	11

É ou já foi membro de algum órgão de gestão do agrupamento de escolas? (Conselho Pedagógico; Conselho Geral)



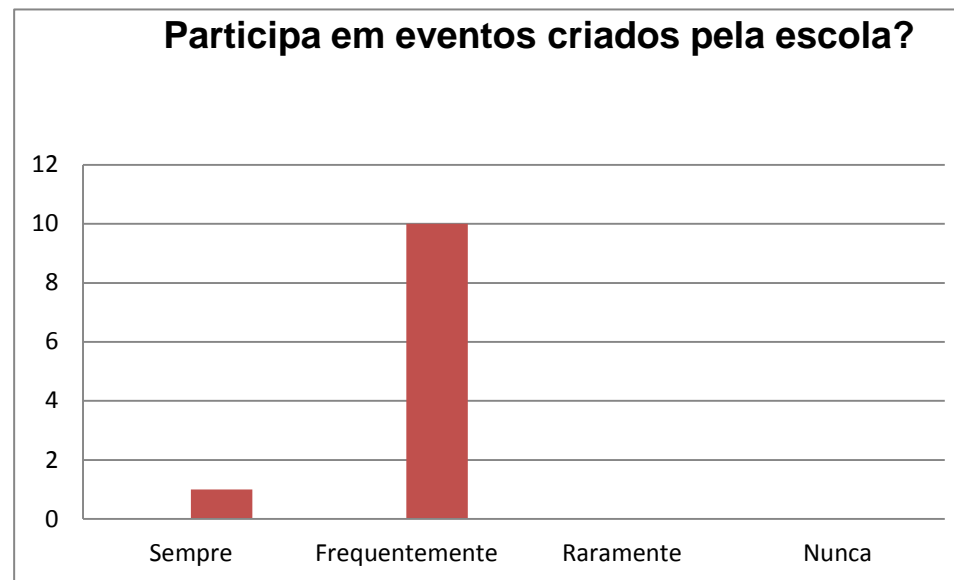
7- Participa em eventos criados pela Associação de Pais?

Sempre	0
Frequentemente	3
Raramente	3
Nunca	5



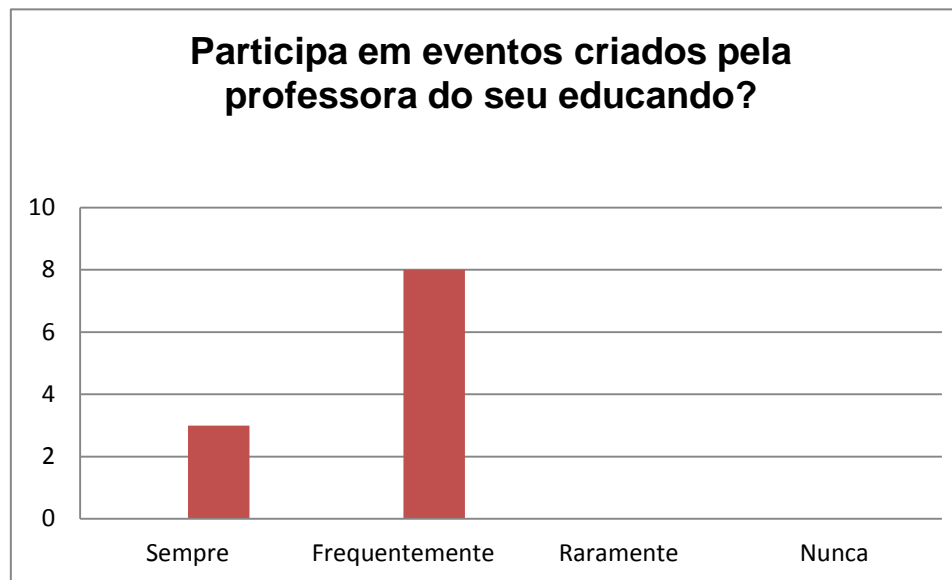
8- Participa em eventos criados pela escola?

Sempre	1
Frequentemente	10
Raramente	0
Nunca	0



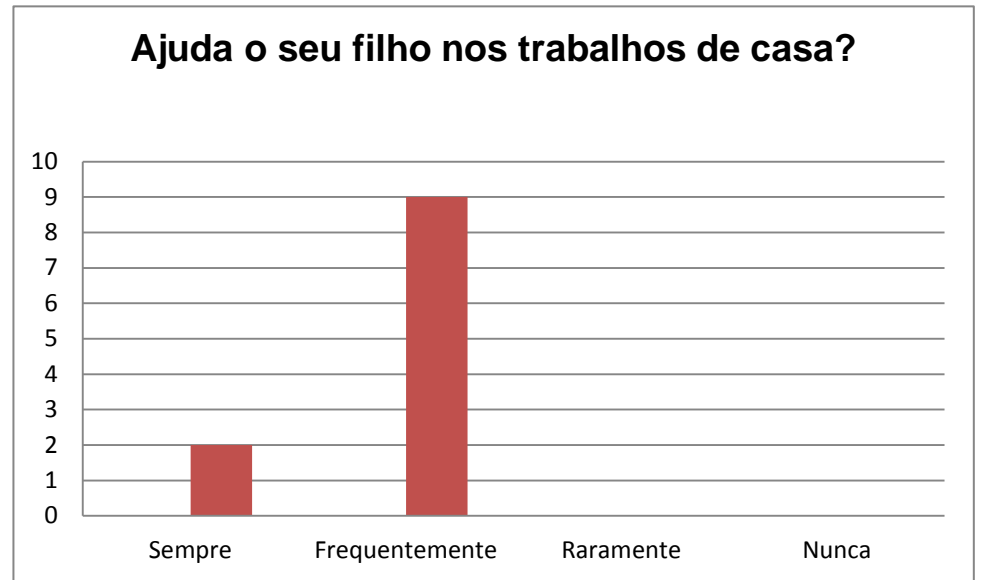
9- Participa em eventos criados pela professora do seu educando?

Sempre	3
Frequentemente	8
Raramente	0
Nunca	0



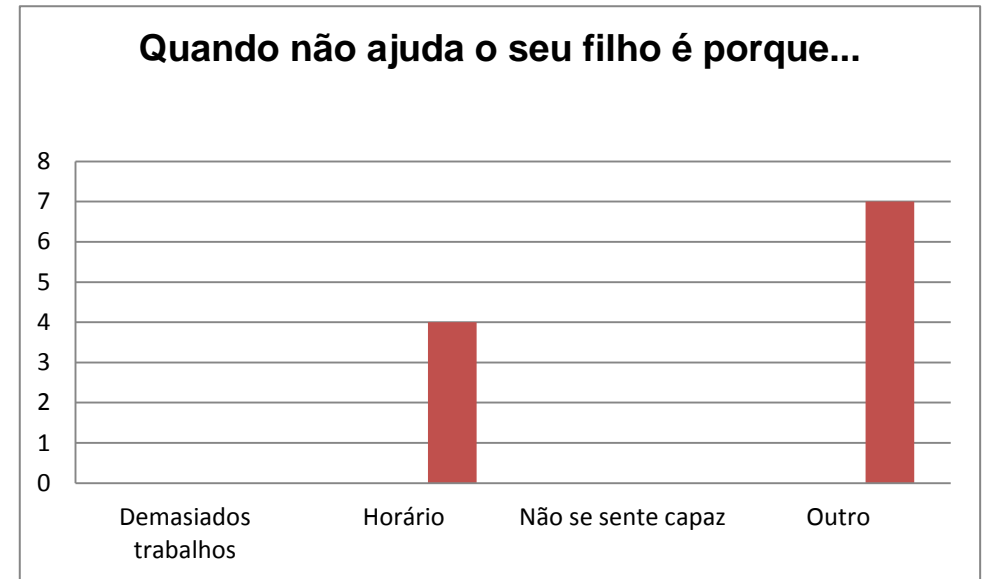
10-Ajuda o seu filho nos trabalhos de casa?

Sempre	2
Frequentemente	9
Raramente	0
Nunca	0



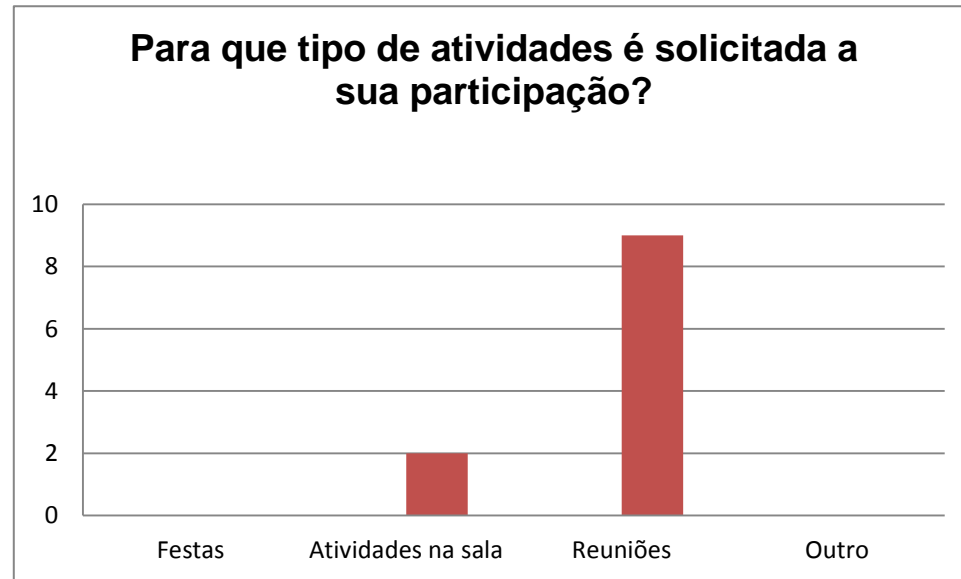
11-Quando não ajuda o seu filho é porque...

São demasiados trabalhos	0
O seu horário de trabalho não permite	4
Não se sente capaz academicamente	0
Outro	7



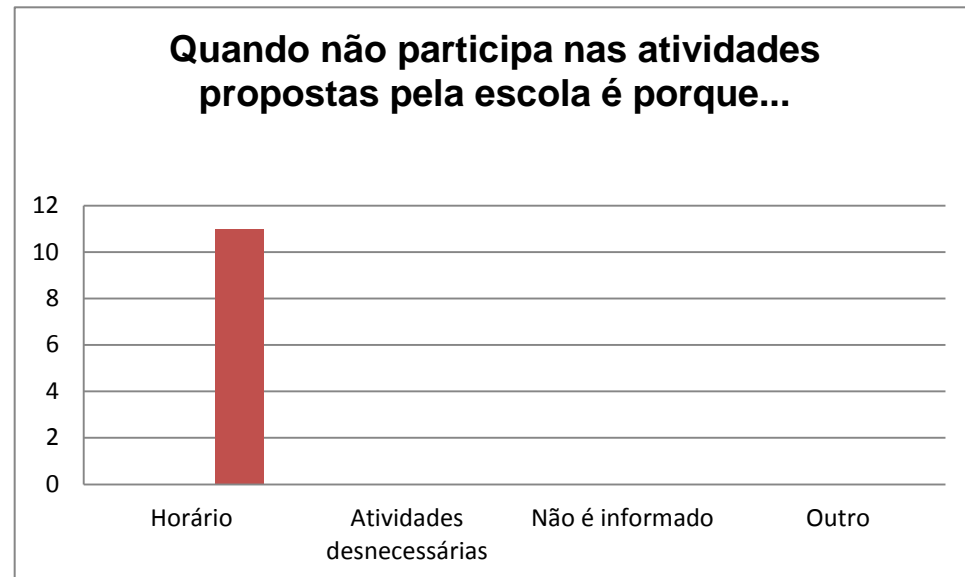
12-Para que tipo de atividades é solicitada a sua participação?

Festas de fim de período	0
Atividades na sala de aula	2
Reuniões escolares	9
Outro	0



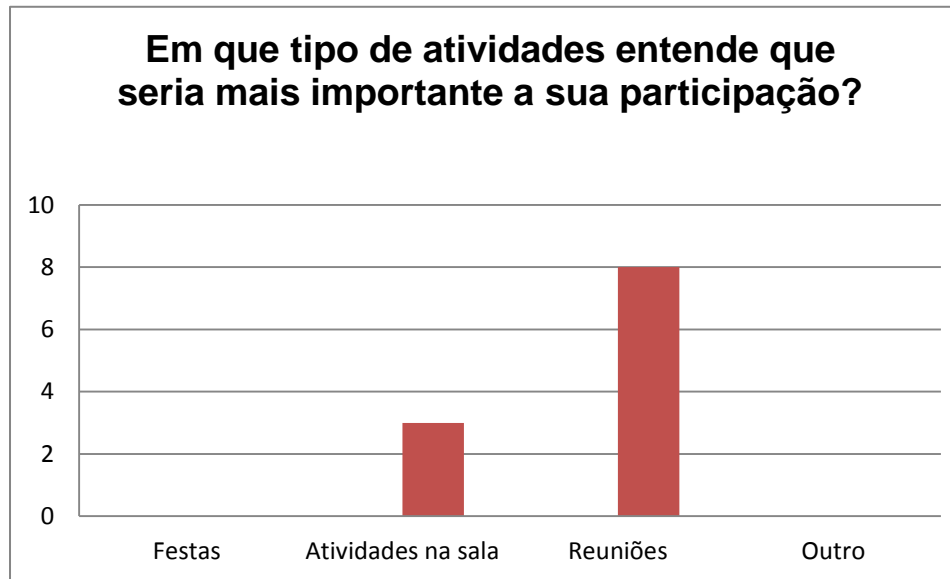
13-Quando não participa nas atividades propostas pela escola é porque...

O seu horário não permite	11
Considera estas atividades desnecessárias	0
Não é informado	0
Outro	0



14-Em que tipo de atividades entende que seria mais importante a sua participação?

Festas de fim de período	0
Atividades na sala de aula	3
Reuniões escolares	8
Outro	0



15- Neste espaço poderá referir, de forma livre, tudo o que achar importante.

- Sou da opinião de que os alunos deveriam ter trabalhos de casa diariamente, ainda que fosse uma cópia, uma ficha simples, uma redação, articulados com dias de trabalhos mais elaborados, por forma a inculcar, pouco a pouco, a noção de responsabilidade e de estudo diário
- Apesar do espaço não se destinar para esse efeito, alerto que na questão 3 não me foi permitido repetir as opções em perguntas distintas, aparecendo a mensagem "Please don't select more than one response per column", pelo que as minhas opções relativamente às 3 últimas afirmações dessa questão 3 seriam "Relevantes"

Anexo Q. Notas de campo relativamente à atividade do dia da mãe

Nota de campo

4 de maio, 2015

Realizado por: Carina Pinhão

14h45 – 16h00

Local: Sala de aula

Atividade do dia da mãe

Ao aproximar-se a hora da atividade, os alunos mostravam-se bastante agitados, entusiasmados para a realização da atividade. Perguntavam, constantemente, quando é que as mães entravam na sala de aula.

Antes da hora prevista, perto das 14h30, as mães começaram a chegar e esperaram pela permissão da sua entrada na sala de aula.

Os alunos, ao verem as mães a entrar na sala de aula, ficaram muito felizes. Oito mães entraram na sala e foi-lhes pedido para se sentarem ao lado dos seus filhos.

Rapidamente se viu as demonstrações de carinho entre todas as mães e todos os filhos. 4 dos alunos sentaram-se rapidamente no colo das mães. Os beijos e os abraços foram muitos.

Entretanto, chegam mais duas mães que pedem desculpa pelo seu atraso.

Neste momento, tentei explicar no que consistia a atividade mas a agitação na sala de aula era muita, tendo tomado a decisão de esperar mais uns minutos para que houvesse um ambiente mais calmo.

Quando consegui captar a atenção, tanto das mães como dos filhos, decidi agradecer a todas as mães a sua presença e revelar no que consistia a atividade.

Entretanto chegou outra mãe a meio da explicação e, no fim, pedi a um aluno para referir tudo o que eu já tinha dito de como se procedia a atividade.

Na explicação da atividade referi que cada mãe e cada filho teriam uma moldura para colocar uma fotografia da sua família. Teriam que decorar a moldura com vários elementos decorativos que eram disponibilizados e que se encontravam numa mesa à parte. Referi também, para os alunos que não tinham as mães, para não ficarem tristes ou preocupados. Expliquei que muitas mães trabalhavam e que não podiam ir à sala mas que, no entanto, teriam a ajuda das estagiárias e da professora cooperante para decorarem as molduras.

Perguntei se alguém tinha dúvidas, todos referiram que não e disse que podiam iniciar a atividade.

A agitação voltou rapidamente à sala de aula. Os alunos andavam de um lado para o outro com materiais decorativos.

Apercebi-me, entretanto, que uma aluna se encontrava a chorar. Abracei a aluna e perguntei o que se estava a passar. A aluna referiu que estava triste e que queria a mãe junto a ela. Abracei-a, mais uma vez, e expliquei que nem todas as mães podiam porque trabalhavam mas que ia ajudá-la e que íamos as duas fazer uma moldura muito bonita.

A aluna acalmou-se e iniciou a decoração da sua moldura. Entretanto a professora cooperante referiu que ficava com a aluna e que eu podia ir ajudar os outros alunos.

Olhei para toda a sala e apercebi-me que todos os alunos estavam empenhados na sua tarefa.

As demonstrações de carinho continuaram durante a decoração da moldura. Apercebi-me que a maioria das mães não deram sugestões para a decoração da moldura e perguntaram aos seus filhos como queriam decorar. Deram a responsabilidade aos filhos de decidir como queriam a decoração da moldura.

Fui perguntando aos alunos, que não tinham as mães, se precisavam de ajuda. Fui ajudando cada um deles, tal como a minha colega e a professora cooperante.

Os alunos foram terminando a atividade a partir das 15h45. Pedi a eles para colocarem a moldura em cima de uma mesa que deixei disponível para que a cola, colocada nas molduras, secasse.

As mães começaram a sair, uma a uma, da sala de aula. Algumas das mães agradeceram a oportunidade de virem à sala fazer esta atividade e referiram que gostaram muito.

Uma das mães decidiu ficar e ajudar também os alunos que ainda não tinham e que não tinham as mães presentes.

Todos os alunos terminaram a atividade perto das 16h00, tal como estipulado.

Anexo R. Grelha de distribuição dos chefes da turma

Tabela R1.

Distribuição dos chefes da turma

		Presidente	Secretário	Recados	Material	Livros	Sapatilhas	Guias	Comboio
1	A.								
2	B.								
3	F.								
4	Fran.								
5	Fran. S.								
6	Fran. C.								
7	G.								
8	J.								
9	L.								
10	L.								
11	M.								
12	M.^a Fra.								
13	M.^a I.								
14	Mar.								
15	R.								
16	Rod.								
17	S.								
18	V. G.								
19	V. C.								
20	M.								
21	A.								

Nota: autoria própria

Anexo S. Planificação e ficha da experiência sobre as propriedades dos materiais

Planificação da Experiência sobre as propriedades dos materiais						
Descritores de desempenho	Conteúdos	Descrição da atividade	Tempo	Recursos	Avaliação	
<p>Comparar materiais segundo as suas propriedades.</p> <p>Participar, dinamicamente, nas propostas apresentadas.</p> <p>Realizar as rotinas dentro do tempo estipulado.</p>	<p>Propriedades dos materiais (solubilidade, resistência, dureza e cor)</p>	<p>Ocorrerá uma experiência sobre as propriedades de certos materiais em que será distribuído uma ficha.</p> <p>Nesta experiência, a turma estará dividida em grupos de 3 e a estagiária irá fornecer alguns materiais pelos grupos.</p> <p>Os alunos terão que analisar se o material é resistente, solúvel, duro e transparente e preencher a ficha que é fornecida pela estagiária.</p>	45'	<p>Ficha da experiência</p> <p>Materiais (farinha, areia, sal, madeira, uma pedra e terra).</p> <p>Copos</p> <p>Água</p> <p>Material de escrita</p>	<p><u>Indicadores</u></p> <p>Compara materiais segundo as suas propriedades.</p> <p>Participa, dinamicamente, nas propostas apresentadas.</p> <p>Realiza as rotinas dentro do tempo estipulado.</p>	<p><u>Instrumentos</u></p> <p>Observação direta</p> <p>Produtos dos alunos</p>

Nota: Autoria Própria

Ficha de trabalho

Nome: _____ Data: _____

Experiência: Propriedades dos materiais

A minha previsão.

1. Assinala com um X as tuas previsões.

Propriedades	Terra	Areia	Farinha	Sal	Madeira	Pedra
Resistente						
Solúvel						
Duro						
Transparente						

Como fazer?

- Coloca os materiais em cima da mesa.
- Para veres se são resistente tens que tocar nos materiais.
- Para veres se são solúveis coloca os materiais dentro do copo de água.
- Para veres se são duros tens que tocar nos materiais.
- Para veres se são transparentes basta olhares para os materiais.

O que verifico?

Preenche a tabela com o que observaste.

Propriedades	Terra	Areia	Farinha	Sal	Madeira	Pedra
Resistente						
Solúvel						
Duro						
Transparente						

Anexo T. Planificação, recursos e ficha de trabalho de uma atividade da área da Matemática

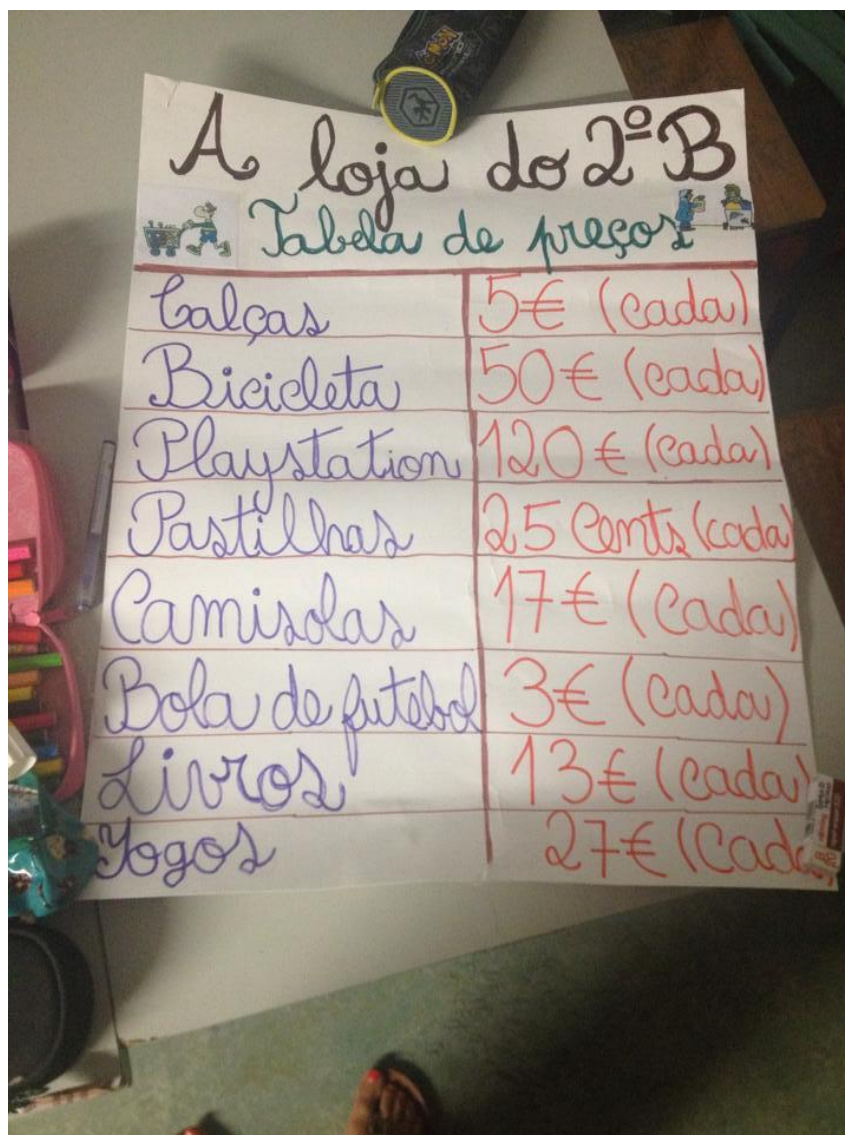
Planificação de Matemática

Descritores de desempenho	Conteúdos	Descrição da atividade	Tempo	Recursos	Avaliação	
<p>Conhecer e relacionar as moedas e notas do euro</p> <p>Realizar contagens de dinheiro.</p> <p>Representar valores monetários.</p> <p>Resolver problemas envolvendo dinheiro.</p> <p>Respeitar a sua vez de falar, não interrompendo os colegas sem expressar previamente a sua vontade de participar.</p> <p>Participar, dinamicamente, nas propostas apresentadas.</p> <p>Realizar as rotinas dentro do tempo estipulado.</p>	<p>Dinheiro (moedas, notas)</p>	<p>Número do dia A estagiária começa a sessão recordando os alunos o dia em que estão (dia 11). De seguida questiona os alunos acerca do que podem estes dizer sobre o número 11. Exemplos do que poderá ser dito:</p> <ul style="list-style-type: none"> • É um número ímpar (“Porquê?”); • Pode ser decomposto em: 5 +6 = 11; 5+5+1=11; 8+3=21; 9+2=11 entre outras soluções. • Obtém-se através da multiplicação: 11x1=11 e 1x11=11 <p>(Esta atividade não precisa de ser registada no caderno individual dos alunos, mas sim registada no quadro, pela estagiária, procurando envolver todos os alunos da turma).</p> <p><u>O dinheiro</u> A estagiária pergunta aos alunos “Para que serve o dinheiro? Quais as notas e as moedas que existem?”</p>	<p>90'</p>	<p>Manual</p> <p>Dinheiro feito em cartolina</p> <p>Tabela de preços</p> <p>Tabela de preenchimento</p> <p>Material de escrita</p> <p>Moedas e notas do manual.</p>	<p><u>Indicadores</u></p> <p>Conhece e relaciona as moedas e notas do euro</p> <p>Realiza contagens de dinheiro.</p> <p>Representa valores monetários.</p> <p>Resolve problemas envolvendo dinheiro.</p> <p>Respeita a sua vez de falar, não interrompendo os colegas sem expressar previamente a sua vontade de participar.</p> <p>Participa, dinamicamente, nas propostas apresentadas.</p> <p>Realiza as rotinas dentro do tempo estipulado.</p>	<p><u>Instrumentos</u></p> <p>Grelha de observação</p> <p>Produto dos alunos</p>

		<p>Posteriormente, a estagiária apresenta aos alunos as várias notas e moedas que existem no nosso país. (as notas e as moedas estarão imprimidas e coladas em cartolina)</p> <p>De seguida, a estagiária pede aos alunos para lhe dizer como ordenamos por ordem crescente as moedas e as notas que são apresentadas.</p> <p>A estagiária pergunta aos alunos: “Se eu quiser juntar duas moedas de 10 cêntimos, vou ter quanto dinheiro?” “Se juntar duas moedas de 20 cêntimos vou ter quanto dinheiro?” “Se juntar duas moedas de 20 cêntimos vou ter?” “E se juntar duas notas de 50 euros?” “E se juntar duas notas de 200 euros?” Entre outras questões.</p> <p>A estagiária organiza a turma em pares e coloca no quadro uma tabela de preços da “Loja do 2º B”.</p> <p>Pede a cada aluno para recortar as moedas que vêm no seu manual.</p> <p>De seguida, pede aos alunos para um dos</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>pares ser o dono da loja e o outro elemento ser um cliente. Depois trocam de papéis.</p> <p>A estagiária distribui uma tabela.</p> <p>Nessa tabela os alunos terão que preencher os produtos que compraram e o que tiveram que pagar.</p> <p>Os alunos usarão as moedas que recortaram do seu manual para fazer as compras.</p> <p>Os alunos resolvem a página 133 do manual.</p>				
--	--	--	--	--	--	--

Tabela de preços da loja



A loja do 2º B
Tabela de preços

Calças	5€ (cada)
Bicicleta	50€ (cada)
Playstation	120€ (cada)
Pastilhas	25 cmts (cada)
Camisolas	17€ (cada)
Bola de futebol	3€ (cada)
Livros	13€ (cada)
Jogos	27€ (cada)

Ficha de trabalho

Nome: _____ Data: _____

Compras na Loja do 2º B

Produtos comprados	Preço total	Moedas/notas

Anexo U. Atividade de elaboração de um convite em grande grupo

Atividade de elaboração de um convite em grande grupo

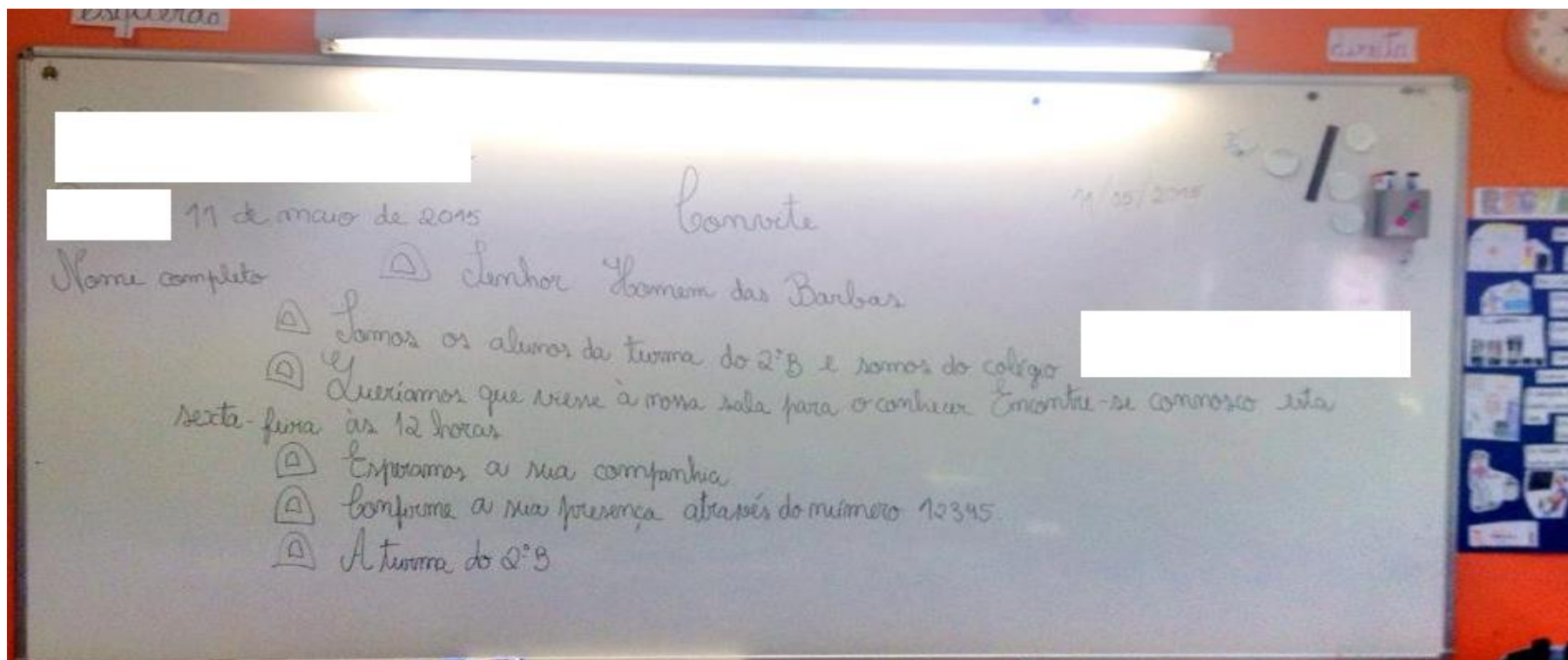


Figura U1. Convite elaborado por toda a turma.

Anexo V. Exemplo de um ditado elaborado por um aluno

Exemplo de um ditado elaborado por um aluno

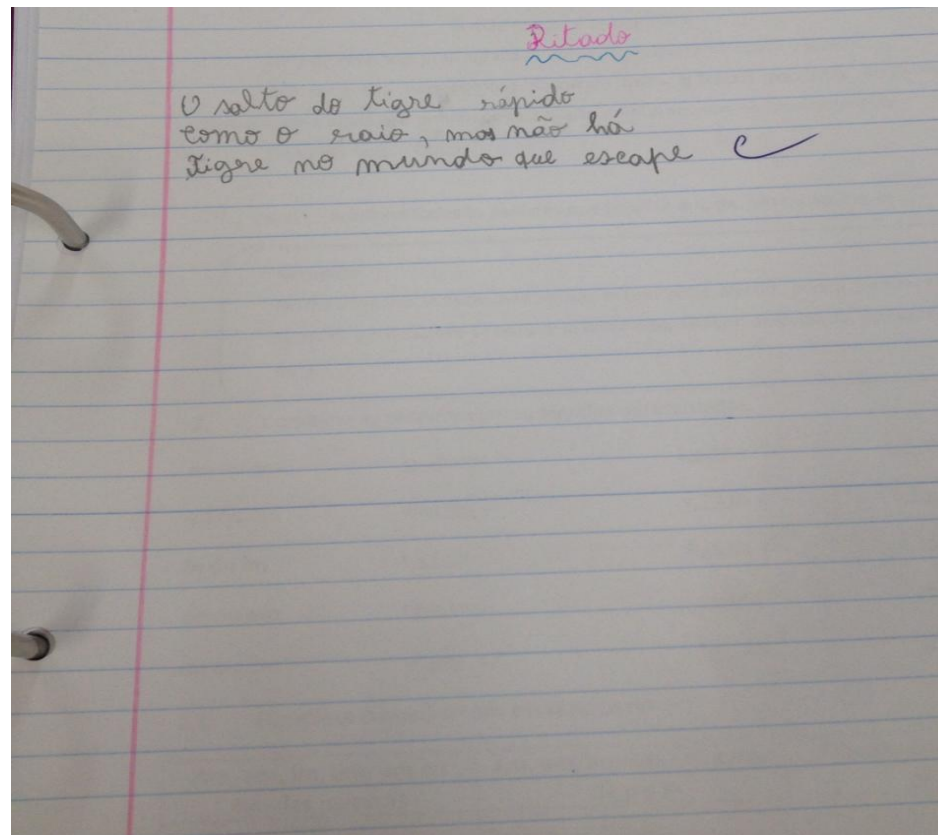


Figura V1. Exemplo de um ditado elaborado por um aluno

Anexo W. Planificação de uma atividade de melhoramento de texto

Melhoramento de texto – 26 de maio de 2015

Descritores de desempenho	Conteúdos	Descrição da atividade	Tempo	Recursos	Avaliação	
<p>Redigir textos</p> <p>Planificar pequenos textos</p> <p>Utilizar a linha de base como suporte da escrita.</p> <p>Usar adequadamente maiúsculas e minúsculas.</p> <p>Assinalar a mudança de parágrafo.</p> <p>Aplicar regras dos sinais de pontuação.</p> <p>Escrever legivelmente, e em diferentes suportes, com correcção (orto)gráfica e gerindo correctamente o espaço da página</p> <p>Participar, dinamicamente, nas propostas apresentadas.</p> <p>Realizar as rotinas dentro do tempo estipulado.</p>	<p>Escrita</p>	<p>Antecipadamente, a estagiária escolhe um texto elaborado por um aluno na prova que foi resolvida na parte da manhã.</p> <p>Seguidamente, estagiária juntamente com os alunos irão fazer um melhoramento de texto.</p> <p>O texto será escrito no quadro com as sugestões dos alunos.</p> <p>É importante que a estagiária dê a palavra a um maior número de alunos.</p> <p>A estagiária deve ter em atenção os alunos que participam para que não sejam sempre os mesmos a participar.</p>	<p>45'</p>	<p>Prova modelo de 2013.</p> <p>Material escrita de</p>	<p><u>Indicadores</u></p> <p>Redige textos</p> <p>Planifica pequenos textos</p> <p>Utiliza a linha de base como suporte da escrita.</p> <p>Usa adequadamente maiúsculas e minúsculas.</p> <p>Assinala a mudança de parágrafo.</p> <p>Aplica regras dos sinais de pontuação.</p> <p>Escreve legivelmente, e em diferentes suportes, com correcção (orto)gráfica e gerindo correctamente o espaço da página</p> <p>Participa, dinamicamente, nas propostas apresentadas.</p>	<p><u>Instrumentos</u></p> <p>Produtos dos alunos</p> <p>Observação direta</p>

					Realiza as rotinas dentro do tempo estipulado.	
--	--	--	--	--	--	--

Anexo X. Exemplo de uma produção escrita de um aluno

Exemplo de uma produção escrita de um aluno

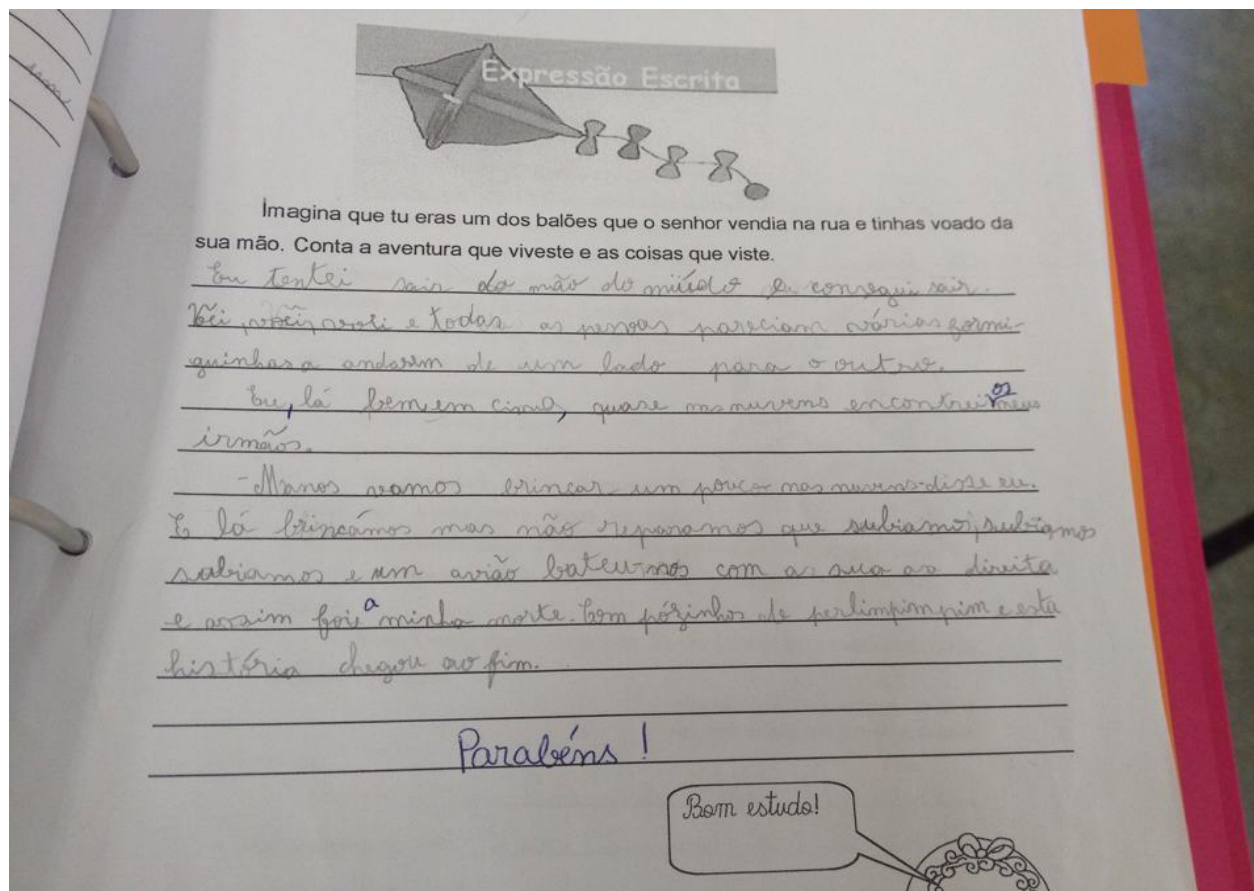


Figura X1. Exemplo de um ditado elaborado por um aluno

Anexo Y. Exemplo da evolução de um aluno relativamente ao cálculo mental

Exemplo da evolução de um aluno relativamente ao cálculo mental

Completar:

$8 + 9 = 17$	$8 + 9 = 5 + 5 + 3 + 9 = 17$	X
$38 + 6 = 44$	$38 + 6 = 10 + 10 + 10 + 14 = 44$	X
$7 + 59 = 66$	$7 + 59 = 6 + 1 + 50 + 9 = 66$	X
$25 + 38 = 63$	$25 + 38 = 50 + 8 + 2 + 3 = 63$	X
$46 - 23 = 23$	$46 - 23 = 40 - 20 - 6 - 3 = 23$	X
$47 - 32 = 15$	$47 - 32 = (40 - 7) - (30 - 2) = (40 - 30) + (7 - 2) = 10 + 5 = 15$	X

Figura Y1. Exemplo de um exercício de cálculo mental realizado por um aluno (início da intervenção)

Cálculo mental


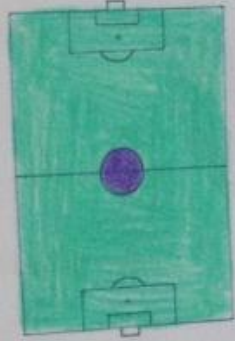
 Data / /	Estratégia	Acertei?
$37 + 8 = 45$ ✓	$10 + 10 + 17 + 8 = 45$	✓
$9 + 43 = 52$ ✓	$20 + 20 + 3 + 9 = 52$	✓
$20 + 12 = 32$ ✓	$10 + 20 + 2 = 32$	✓
$45 - 24 = 21$ ✓	$(40 - 20) + (5 - 4) = 21$	✓
$19 - 3 = 16$ ✓	$(90 - 0) + (9 - 3) = 16$	✓
$14 - 6 = 8$ ✓	$14 - 5 - 1 = 8$	✓

Figura Y2. Exemplo de um exercício de cálculo mental realizado por um aluno (fim da intervenção)

Anexo Z. Exemplo de um problema da semana realizado por um aluno

Exemplo de um problema da semana realizado por um aluno

1. No ginásio da Joana há uma pista de corrida retangular com 70 metros de comprimento e 10 m de largura. Qual o perímetro da pista?

$$70 + 70 + 10 + 10 =$$
$$\begin{array}{r} 70 \\ 70 \\ 10 \\ + 10 \\ \hline 160 \end{array}$$


R.: O perímetro da pista de corrida é de 160.

Figura Z1. Exemplo de um problema da semana realizado por um aluno

Anexo AA. Ficha de resolução de problemas

Ficha de resolução de problemas

Nome: _____ Data: _____

Ficha com problemas

O João contou que nas férias esteve num hotel com 4 andares e que cada andar tinha 22 quartos. Quantos quartos tinha o hotel?

R.: _____

O Guilherme viajou num avião que transportou 87 passageiros. Se 5 aviões transportarem 87 passageiros, quantos passageiros podem transportar 5 aviões?

R.: _____

Anexo BB. Livro de receitas elaborado pela turma e exemplar de uma receita feita por um aluno

Livro de receitas elaborado pela turma e exemplar de uma receita feita por um aluno



Figura BB1. Capa do livro de receitas.

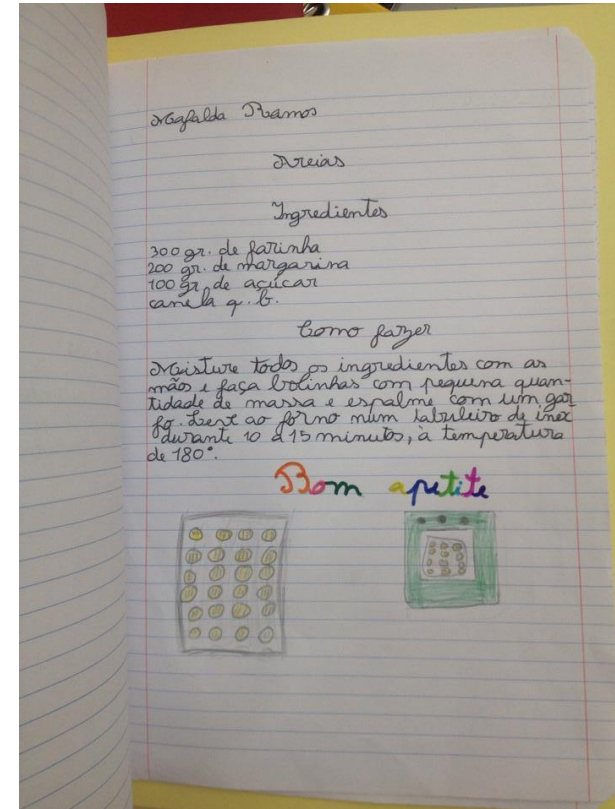


Figura BB2. Receita elaborada por um aluno

Anexo CC. Exemplos de molduras elaboradas pelos alunos e pelas suas mães

Exemplos de molduras elaboradas pelos alunos e pelas suas mães



Figura CC1. Moldura elaborada por um aluno



Figura CC2. Moldura elaborada por um aluno

Anexo DD. Grelhas de avaliação da área da Língua Portuguesa

Tabela DD1. Grelha de avaliação da área da Língua Portuguesa (início da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																				
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa
Compreensão do oral																					
Presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível reter o essencial de um pequeno texto																					
Presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível identificar o tema																					
Presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível recontar histórias																					
Expressão oral																					
Articula corretamente palavras																					
Usa vocabulário adequado ao tema e à situação																					
Fala, com progressiva autonomia e clareza, sobre assuntos do seu interesse imediato																					
Produz discursos com diferentes finalidades e de acordo com intenções específicas.																					
Leitura																					
Lê respeitando a direccionalidade da linguagem escrita																					
Lê com progressiva autonomia palavras, frases e pequenos textos.																					
Lê pequenos textos de acordo com orientações previamente estabelecidas.																					
Lê por iniciativa própria																					
Escrita																					

Escreve textos com respeito pelo tema, pelas regras básicas de ortografia assegurando a continuidade referencial.																				
Utiliza a linha de base como suporte da escrita.																				
Usa adequadamente maiúsculas e minúsculas.																				
Assinala a mudança de parágrafo.																				
Aplica regras dos sinais de pontuação.																				
LEGENDA	Sim			Com dificuldade		Não			Não observável											

Nota: Autoria própria

Anexo EE. Grelhas de avaliação da área de Matemática

Tabela EE1. Grelha de avaliação da área da Matemática (início da intervenção)

Indicadores de avaliação \ Alunos	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
Números e operações																						
Compreende a adição nos sentidos combinar e acrescentar																						
Compreende a subtração nos sentidos retirar, comparar e completar																						
Compreende a multiplicação nos sentidos aditivo e combinatório																						
Utiliza os símbolos <, > e =																						
Representa números na reta numérica																						
Geometria e medida																						
Identifica polígonos																						
Classifica triângulos																						
Classifica polígonos quanto ao número de lados.																						
Descreve sólidos geométricos identificando semelhanças e diferenças.																						

Realiza medições utilizando unidades de medida convencionais	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo
Capacidades transversais																					
Resolução de problemas	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo
Comunicação matemática	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
LEGENDA	Sim			Verde	Com dificuldade		Amarelo	Não			Verde	Amarelo	Não observável			Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde

Nota: Autoria própria

Tabela EE2. Grelha de avaliação da área da Matemática (fim da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																					
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
Números e operações																						
Compreende a adição nos sentidos combinar e acrescentar																						
Compreende a subtração nos sentidos retirar, comparar e completar																						
Compreende a multiplicação nos sentidos aditivo e combinatório																						
Utiliza os símbolos <, > e =																						
Representa números na reta numérica																						
Geometria e medida																						
Identifica polígonos																						
Classifica triângulos																						
Classifica polígonos quanto ao número de lados.																						
Descreve sólidos geométricos identificando semelhanças e diferenças.																						
Realiza medições utilizando unidades de medida convencionais																						

Anexo FF. Grelha de avaliação da área de Estudo do Meio

Tabela FF1. Grelha de avaliação da área de Estudo do Meio (fim da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																					
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
À descoberta do seu ambiente natural																						
Identifica algumas plantas mais comuns existentes no ambiente próximo																						
Identifica alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo																						
Reconhece a existência do ar																						
Reconhece o ar em movimento																						
Reconhece alguns estados do tempo																						
Relaciona as estações do ano com os estados do tempo característicos																						
À descoberta dos materiais e objetos																						
Compara materiais segundo algumas das suas propriedades																						
Agrupa materiais segundo essas propriedades																						
Relaciona essas propriedades com a utilidade dos materiais																						
Identifica a sua origem (natural/artificial)																						
LEGENDA	Sim				Com dificuldade				Não				Não observável									

Nota: Autoria própria

Anexo GG. Grelha de avaliação de Expressão e Educação Dramática

Tabela GG1. Grelha de avaliação de Educação e Expressão Dramática (fim da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																						
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa		
Jogos de exploração – corpo																							
Realiza movimentos corporais capazes de caracterizar a sua personagem	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
Voz																							
Experimenta maneiras diferentes de produzir sons	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
Alia a emissão sonora a gestos/movimentos	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
Jogos dramáticos – linguagem verbal																							
Participa na elaboração oral de uma história	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
LEGENDA	Sim			Verde	Com dificuldade			Amarelo	Não				Verde	Não observável				Verde					

Nota: Autoria própria

Anexo HH. Grelha de avaliação de Expressão e Educação Plástica

Tabela HH1. Grelha de avaliação de Educação e Expressão Plástica (fim da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																					
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
Desenho de expressão livre																						
Explora as possibilidades técnicas de lápis de cor, lápis de cera, tintas, pincéis.																						
Atividades gráficas sugeridas																						
Ilustra de forma pessoal																						
Pintura de expressão livre																						
Pinta livremente em suportes neutros																						
Recorte, colagem, dobragem																						
Faz dobragens																						
Explora as possibilidades de diferentes materiais																						
LEGENDA	Sim				Com dificuldade			Não					Não observável									

Nota: Autoria própria

Anexo II. Grelhas de avaliação de Expressão e Educação Físico-Motora

Tabela II1. Grelha de avaliação de Educação e Educação Físico-Motora (início da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																				
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa
Perícia e manipulação																					
Lança uma boa em distância com a mão melhor e com as duas mãos																					
Pontapeia a bola em precisão a um alvo																					
Deslocamento e equilíbrio																					
Corre para a frente																					
Corre para trás																					
Jogos																					
Pratica jogos infantis, cumprindo as suas regras																					
Colabora com os colegas																					
LEGENDA	Sim					Com dificuldade															

Nota: Autoria própria

Tabela II2. Grelha de avaliação de Educação e Educação Físico-Motora (fim da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																					
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
Perícia e manipulação																						
Lança uma boa em distância com a mão melhor e com as duas mãos																						
Pontapeia a bola em precisão a um alvo																						
Deslocamento e equilíbrio																						
Corre para a frente																						
Corre para trás																						
Jogos																						
Pratica jogos infantis, cumprindo as suas regras																						
Colabora com os colegas																						
LEGENDA	Sim				Com dificuldade				Não				Não observável									

Nota: autoria própria

Anexo JJ. Grelhas de avaliação das Competências Sociais

Tabela JJ1. Grelha de avaliação das Competências Sociais (início da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																					
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
É pontual																						
É assíduo																						
Cumpe as regras de sala de aula																						
Respeita as opiniões dos colegas																						
Respeita a vez de falar dos colegas																						
É responsável																						
É autónomo																						
Executa os trabalhos de casa																						
Coopera com os colegas																						
Realiza as tarefas no tempo estipulado																						
Está atendo																						
LEGENDA	Sim				Com dificuldade				Não				Não observável									

Nota: autoria própria

Tabela JJ2. Grelha de avaliação das Competências Sociais (fim da intervenção)

Indicadores de avaliação	Alunos																					
	Abílio	Afonso	Beatriz	Francis C	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Manuel	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa	
É pontual																						
É assíduo																						
Cumprir as regras de sala de aula																						
Respeita as opiniões dos colegas																						
Respeita a vez de falar dos colegas																						
É responsável																						
É autónomo																						
Executa os trabalhos de casa																						
Coopera com os colegas																						
Realiza as tarefas no tempo estipulado																						
Está atento																						
LEGENDA	Sim				Com dificuldade				Não				Não observável									

Nota: autoria própria

Anexo KK. Avaliação do Plano de Intervenção

Tabela KK1. Grelha de avaliação dos objectivos do PI (início da intervenção)

Objetivos gerais	Indicadores de avaliação	Alunos																			
		Abílio	Afonso	Beatriz	Francisca	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa
Fomentar nos alunos competências de escrita	Escreve palavras e frases diversas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Elabora respostas a roteiros de leitura	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Participa na elaboração de textos, em grupo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Redige textos respeitando as convenções gráficas e ortográficas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Redige textos respeitando a pontuação	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve frases autonomamente	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Copia textos em formato de papel	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Revê os textos, com apoio do professor, identificando erros	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Cuida da apresentação final dos textos	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve textos por sua iniciativa	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve textos mediante proposta do professor	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Promover nos alunos a aquisição de competências de autonomia e responsabilidade	Organiza e distribui tarefas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Ajuda na gestão das ideias do grupo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Encoraja os colegas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Ajuda os colegas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Partilha responsabilidades	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Responsabiliza-se por tarefas individuais, no trabalho em grande grupo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Respeita as dificuldades e diferenças individuais dos colegas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Tabela KK2. Grelha de avaliação dos objectivos do PI (fim da intervenção)

Objetivos gerais	Alunos	Indicadores de avaliação																			
		Abílio	Afonso	Beatriz	Francisca	Filipe	Francisco da Silva	Francisco Castanho	Gonçalo	Isabel	João	Leonor	Lourenço	Mafalda	Maria	Mariana	Rafael	Rodrigo	Sofia	Vasco Gameiro	Vasco Costa
Fomentar nos alunos competências de escrita	Escreve palavras e frases diversas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Elabora respostas a roteiros de leitura	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Participa na elaboração de textos, em grupo	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Redige textos respeitando as convenções gráficas e ortográficas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Redige textos respeitando a pontuação	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve frases autonomamente	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Copia textos em formato de papel	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Revê os textos, com apoio do professor, identificando erros	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Cuida da apresentação final dos textos	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve textos por sua iniciativa	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Escreve textos mediante proposta do professor	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
	Promover nos alunos a aquisição de competências de autonomia e responsabilidade	Organiza e distribui tarefas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Ajuda na gestão das ideias do grupo		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Encoraja os colegas		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Ajuda os colegas		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Partilha responsabilidades		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Responsabiliza-se por tarefas individuais, no trabalho em grande grupo		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Respeita as dificuldades e diferenças individuais dos colegas		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Desenvolver nos alunos a capacidade de resolução de problemas matemáticos e de cálculo mental	Compreende os conhecimentos envolvidos nos processos de cálculo	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Não observável	Sim	Sim	Sim
	Utiliza propriedades dos números naturais	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não observável	Sim	Sim	Sim
	Desenvolve destrezas de cálculo numérico mental e escrito	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Não observável	Sim	Sim	Sim
	Resolve problemas, raciocina e comunica em contextos numéricos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não observável	Sim	Sim	Sim
	Compreende o sentido das operações que efetua	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Não observável	Sim	Sim	Sim
	Interpreta situações matemáticas de forma autónoma	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Não observável	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade

Legenda

Sim	Sim
Não	Não
Com dificuldade	Com dificuldade
Não observável	Não observável

Nota: autoria próp

